

**Lúcio Ricardo Prada
Natalia Pedron**

— O IDEAL —
PROFESSORES



**O IDEAL
PROFESSORES**





1.ª Edição – Copyright © 2024 dos autores.

Direitos de Edição Reservados à Editora Bagai.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos autores. As normas ortográficas, questões gramaticais, sistema de citações e referencial bibliográfico são prerrogativas dos autores.

Editor-Chefe

Prof. Dr. Cleber Bianchessi

Revisão

Os autores

Capa & Diagramação

Luciano Popadiuk

AVALIAÇÃO, PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram avaliados por pares e indicados para publicação.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Alice M. Benveídez CRB-1/5889

C796

O ideal: professores. Lúcio Ricardo Prada. Natalia Pedron.
– 1. ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2024, 77p.

E-book

Acesso em www.editorabagai.com.br

Bibliografia.

ISBN: 978-65-5368-490-4

1. Educação. 2. Ética. 3. Sociedade.

I. Prada, Lúcio Ricardo.

II. Pedron, Natalia.

02-2024/71

CDD 370

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: Ética; Sociedade. 370



<https://doi.org/10.37008/978-65-5368-490-4.14.10.24>

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização prévia da Editora BAGAI por qualquer processo, meio ou forma, especialmente por sistemas gráficos (impressão), fonográficos, microfilmicos, fotográficos, videográficos, reprográficos, entre outros. A violação dos direitos autorais é passível de punição como crime (art. 184 e parágrafos do Código Penal) com pena de multa e prisão, busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610 de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[@editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



contato@editorabagai.com.br

**Lúcio Ricardo Prada
Natalia Pedron**

**O IDEAL
PROFESSORES**



SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	5
INTRODUÇÃO	7
1	
A CULPA.....	9
2	
AÇÕES QUE FAZEM MAL AOS ESTUDANTES	13
2.1 SARCASMO	13
2.2 DESONESTIDADE	14
2.3 AUTORITARISMO	18
2.4 QUEBRA DE SIGILO	25
2.5 DOUTRINAÇÃO	27
2.6 FALTA DE ESCLARECIMENTO	33
2.7 RELACIONAMENTO INDEVIDOS	37
2.8 IGNORÂNCIA	39
2.9 REDES SOCIAIS	42
2.10 DESLEIXO	45
2.11 AGRESSIVIDADE.....	48
3	
CREDIBILIDADE	51
4	
AMBIENTE DE CONHECIMENTO	55
5	
O QUE TORNA VOCÊ PROFESSOR	59
6	
DISCURSOS VAZIOS.....	63
7	
A FALÁCIA DOS INVESTIMENTOS.....	67
8	
MUDANÇAS NECESSÁRIAS.....	71
SOBRE OS AUTORES	75

PREFÁCIO

O fim da filosofia moderna talvez favoreceu para o tardar do restabelecimento das discussões sobre as questões das ações humanas, mas não podemos formar uma sociedade sem que existam pessoas e pessoas, naturalmente, agem. Então, é indispensável pensar de forma pragmática sobre as ações humanas a fim de encontrar um ponto que pudesse contribuir para a melhora sistemática da sociedade. Não conseguimos pensar em outro melhor do que as ações dos professores.

Esta obra reflete inúmeras situações que convivemos ao longo de nossas vidas como professores e como estudantes. Aos poucos e conforme fomos adquirindo mais conhecimento, percebemos algumas incoerências que antes passavam despercebidas. O que é apresentado nesta obra é resultado de incontáveis noites de discussão a respeito da educação, das escolas e da sociedade em geral.

No fim, gostaríamos de estabelecer um guia para servir de horizonte para os professores como também demonstrar o que é ignorado nas escolas. Contudo, o que se obteve foi o ideal a ser perseguido que ficou evidente enquanto enfrentávamos o problema de maneira direta.

Esse livro necessita de uma visão de mundo real para sua compreensão e, devido nossa indignação, tratamos do assunto com palavras bruscas para que essa realidade permeie a mente do leitor por inteiro. Julgamos correto a necessidade de enfatizar alguns pontos importantes e por conta disso, em alguns casos, seremos propositalmente repetitivos. Como professores que somos, esperamos que a obra trace os limites para as ações dos professores, alocando os docentes na sua devida função dentro de uma sociedade aberta.

INTRODUÇÃO

Não é nenhuma novidade para o cotidiano do brasileiro receber algum caso envolvendo escândalos com alunos, professores, secretários escolares, diretores e escolas. Podemos argumentar que já nos acostumamos com questões que envolvem todo gênero de situações constrangedoras nas escolas e, como obviamente seria, o processo de “naturalização” desses acontecimentos só é possível devido ao nosso cotidiano estar repleto destas histórias. Todos nós já conhecemos os problemas que existem nas escolas brasileiras. Acontecimentos que envolvem brigas entre alunos, professores, casos de assédio, professores sendo agredidos de forma extremamente violenta, tráfico de entorpecentes, relações libidinosas entre alunos e não raramente com professores. Todos os acontecimentos que envolvem a escola nada mais são reflexos do que nossa sociedade se tornou. Neste momento não pretendemos demonstrar como essas coisas são nocivas para a humanidade, só gostaríamos de chamar a atenção para a existência de atitudes complexas ocorrendo em um ambiente onde já se caracteriza por dificuldades intrínseca ao desenvolvimento infanto-juvenil. Não pretendemos ser moralistas, sabemos que tal coisa é dificilmente atingida quando perscrutada. Porém, pretendemos discutir novamente questões que pensamos ser corretas na rotina de um professor-exemplo. Queremos, com esta obra, demonstrar como o professor pode se portar nas escolas, e assim, quais seriam os reflexos de uma mudança atitude dos professores e como isto viria a impactar a sociedade como um todo. Queremos resgatar o sentimento que foi perdido, sentimento este que deveria ser de profundo respeito e admiração por aqueles que se dispuseram a perseguir o caminho do conhecimento. Mas também alertar para o que recorrentemente nós professores estamos fazendo e como possivelmente somos os responsáveis pelos atuais acontecimentos que a sociedade vivênciaria.

Pretendemos dar continuidade a uma conversa que sempre é – e talvez sempre seja – inacabada na sociedade, na ciência, na filosofia, mas indispensável de ser feita. Chamamos a atenção para uma complexidade que tange o que discutimos e por que ela não é feita exclusivamente por especialistas em ambiente acadêmico. A discussão pretendida nesta obra perpassa por diferentes atores que geralmente estão envolvidos em uma especificidade que os impede de prescrições diretas sob as nossas ações. A ciência não pode prescrever o que será prescrito. O cientista não pode falar em âmbito acadêmico no mesmo tom e da mesma forma que

iremos trazer nesta obra. Isso decorre devido ao pleno entendimento das limitações que tangem o saber humano. Em um passado não muito distante, esse positivismo intrínseco e necessário na ciência não fora um problema e diversos intelectuais se dispuseram a discutir os temas que irão ser apresentados na presente obra. Ou seja, esta obra não pretende ser científica, nem mesmo dar conta dos problemas maiores que pode envolver uma filosofia geral das ações. Contudo, ainda assim pretende discutir nossas ações na escola como professores.

Esperamos que essa leitura sirva como estopim para um novo movimento no Brasil. Que seja o único tipo de revolução que faz sentido existir, aquela que não irá sentenciar os revolucionários no seu apogeu, que fornecerá as bases para uma sociedade enfrentar de maneira adequada os problemas do mundo contemporâneo. Ao mesmo tempo que sirva como uma pedra de toque para a continuidade de uma sociedade brasileira coesa e coerente, formando devido sentimento adequado às coisas que se devem respeito.

Ainda alertamos para aqueles que possuem um sentimento de disruptão, que desejam a destruição da sociedade, que não conseguem pensar no bem-querer do próximo, da sociedade este livro não é para você. Agora para aqueles que desejam minimamente um lugar seguro e tranquilo para poder viver, que desejam uma sociedade justa e amigável, poucas coisas serão mais importantes do que iremos demonstrar e dessas coisas poucas se iniciam fora da escola.

É necessário antecipar uma discussão técnica que surgirá aos leitores com o enfoque mais específico na articulação de teorias que embasam o nosso pensamento. O livro não se trata de um relativismo do gênero subjetivista, esse é o tipo de problema da vida comum e que não toca verdadeiramente a discussão que posteriormente iremos sustentar ser indispensável para coibir a arrogância e a falácia de autoridade; apegamo-nos a teorias de um relativismo virtual de complexas consequências ao mesmo tempo que pensamos que a discussão também se esquia de um relativismo antietnocêntrico - dado que somos, em grande parte, filhos de uma mesma cultura. Acreditamos que no atual terreno da ética se busca esquivar dessa situação do relativismo, mas dentro do campo da teoria do conhecimento e da ciência, a discussão está em pleno fervor, possibilitando a remodelação das situações que envolvem a conduta ética. A presente obra se estabelece nessa pequena lacuna que surge entre a atual situação da ética e da ciência para poder dizer algumas coisas que virá a dizer.

A CULPA

A culpa deve ser o primeiro tópico a ser abordado devido a deplorável situação que a profissão dos professores atualmente se encontra. Não se engane, se você é um professor acima dos trinta anos isso já é provavelmente sua culpa também!

Gostaríamos de iniciar com uma analogia. Nenhum tratamento médico funcionaria antes de que soubéssemos as causas da doença. Tratar os efeitos podem aliviar a dor causada por uma doença que permanecera as escondidas maltratando o corpo enquanto a procuramos. Agora, descoberto a causa da doença, poderíamos tratá-la e talvez curá-la. Digamos que a doença seja causada como consequência direta de suas ações, como por exemplo: um vício em doces. Nesse momento, você como paciente pode ser uma pessoa coerente e assumir seus erros ou agir de forma ignorante e negá-los. A maneira que você irá se comportar ditará se haverá a possibilidade de melhora no seu estado. Isso é tanto claro quanto óbvio, mas digamos que você procure colocar a culpa em outra causa, eu pergunto: isso muda o fato de que é você o responsável pela doença que lhe acometeu?

Os atuais professores vivem esse tipo de negação diariamente. Quem nunca ouviu um professor falar que a culpa pelo atual estado da educação no Brasil é do governo, dos pais, da sociedade, da falta de investimento em estrutura, do capitalismo etc., ao mesmo tempo em que esse mesmo professor está saindo soturnamente com diversas alunas para devidos fins nada pedagógicos. As conversas mais comuns dentro das salas de professores são justamente aquelas que tentam delegar a culpa pela atual situação para qualquer outro fator que não seja o próprio professor. Mas o que esse mesmo professor faz para alterar a situação que ele tanto lastima? Não estamos dizendo que os professores são responsáveis por tudo, de maneira alguma. Contudo, quantos foram os

professores-exemplos que vocês encontraram durante suas vidas que deram mais ênfase para problemas que pouco tinham relação com o conteúdo da aula durante uma aula?

Não podemos avançar na solução de uma problemática sem antes descrever especificamente quais são os culpados pelos acontecimentos. O tratamento só poderá ocorrer quando conseguirmos encontrar os culpados e os expurgarmos. Mas o caro leitor já pensou a seguinte situação: viver uma vida toda de docência reclamando do governo, dos pais, da sociedade, da falta de investimento em estrutura, do capitalismo etc., e nunca, sequer nunca, pensar que talvez o professor seja parte do problema?!

Tal ato de tremenda arrogância deveria ser uma forma de descrever os atuais professores, deveríamos criar um termo para isso porque é este o acontecimento mais recorrente dentro de uma escola. Professores que se julgam superiores aos demais a fim de garantirem a si próprios uma consciência tranquila enquanto seus antigos alunos são presos pelos crimes mais torpes que podem existir. E isso é normal. Os professores acham isso normal, alguns sádicos até acham graça disso. Se os professores são aqueles que tiram sarro de seus alunos que são operadores de caixas de mercado, em postos, faxineiros etc., devemos deixar claro, esse professor é um ser decrepito. Sua existência deveria ser as escondidas enquanto continuar a sentir prazer com esse hedonismo mal-intencionado. Mas o culto das salas dos professores envolve muita sátira dessas pobres almas. E o que os professores fazem a respeito quando precisam limpar a sua consciência daquilo que eles geraram? Culpam o governo, os pais, a sociedade, a falta de investimentos em estrutura, o capitalismo etc. Enquanto não existir novamente no pensamento do professor um carinho intrínseco pela humanidade, não poderemos avançar como sociedade.

Não estamos dizendo que aos professores é negado o direito de divertir-se no ambiente de trabalho. Muito pelo contrário, devemos nos expressar da maneira que achamos correta, como disse um certo filósofo “A palavra cão não morde”. Contudo, isso não deve ser feito de maneira indiscriminada – guarde o humor para o ambiente privado onde lhe permite ser quem você, professor, acha que deve ser; a sala dos professores não é esse lugar. Aos poucos, conforme nos tornemos

mais esclarecidos, perceberemos que essas atitudes são imaturas e esse tipo de estupidez também deixará de existir em qualquer ambiente, mas para tanto, é necessário enxergar essas ações e refletir. Nenhum professor deve tolerar um colega tirar sarro da situação em que um aluno se encontra quando o culpado por isso é – ao menos em parte – o próprio professor. Dizer que algum aluno merece determinado trabalho porque era mal-educado, estúpido, ignorante etc., é atestar o problema que aqui se busca enfrentar, é se imiscuir da culpa para preservar sua própria autoestima. Se determinado estudante seu acaba em situação que você valora ser ruim, parte da culpa deveria ser sua, você deveria sentir-se mal por isso, é algo trágico e não cômico. Ninguém está dizendo que devemos formar só cientistas, executivos, engenheiros e advogados, mas quando você se depara com algum aluno que está em situação precária, você deveria sentir-se mal por não ter feito o mínimo para que ele pudesse trilhar outro caminho. E, mesmo que isso não se torne a tônica da sua realidade, assuma alguma culpa. Porque ninguém está lhe obrigando a ser professor. Ou mesmo outros acontecimentos indesejados do seu cotidiano são culpa de outrem? Se você pensa assim, então você é meramente um covarde. Mas calma, não tem problema ser covarde, isso tem solução e é mais simples do que a solução que precisamos dar para a educação no geral.

Voltando a analogia da doença. Nós temos uma parcela de culpa por quase qualquer doença que nos alige. Em alguns casos isso é mais evidente. O diabético não irá se curar se antes não controlar seus hábitos alimentares. O mesmo ocorre com os professores. Com certeza o sistema educacional tem influência e contribui às vezes para melhorar e às vezes para piorar a situação, assim como ocorre com os pais, com a sociedade, com a economia, mas não podemos excluir a culpa que há sob nós professores. Seria o mesmo que o diabético culpar os alimentos pela sua doença e continuasse a agir conforme sempre agira. Nós precisamos expurgar a arrogância da profissão. Precisamos ter ciência que aqueles que quem passam muito tempo com os alunos somos nós. Quem realmente influencia a vida dos alunos somos nós. Quem tem o poder de mudar, de melhorar, de mostrar novos horizontes para os alunos somos nós. Podemos ser a luz que emerge da escuridão, para alguns a única luz, na vida de milhares de pessoas. Se as coisas estão da

maneira que estão, devemos assumir que somos culpados por grande parte da situação. Seria totalmente incoerente dizer que estamos de ficha limpa nesse cartório. Temos culpa e precisamos refletir sobre as ações que fazem mal aos nossos alunos.

AÇÕES QUE FAZEM MAL AOS ESTUDANTES

Dado que você, professor, parou e refletiu sob a gigantesca responsabilidade que há sobre nós professores e que há culpa nas nossas ações, vamos elucidar, para clarificar, as inúmeras atitudes que mais recorrentemente acontecem na escola para depois solucioná-las.

2.1 SARCASMO

Não existe coisa mais vergonhosa do que um adulto se valendo de sua experiência de vida e nesse caso pior, experiência acadêmica, para caçoar de alunos em sala de aula. O indivíduo que faz isso talvez não devesse seguir na profissão. Nós sabemos, assim como o leitor sabe, que isso existe em quantidades absurdas. Todos nós já presenciamos ou até mesmo fomos alvo desse ridículo tipo de professor. Geralmente ele vem acompanhado de uma dose de sarcasmo e se vende aos demais como alguém bem-humorado, cheio de piadas com os alunos. Esse professor não hesita em demonstrar à todos sua superioridade envergonhando os alunos na frente de outros alunos. Senhor professor, vamos pensar. Você existe com um propósito muito claro, mas se você viveu a sua vida e de repente accordou professor e nunca pensou nisso, vamos esclarecer alguns pontos. As crianças no Brasil passam por todo tipo de dificuldade. Alguns veem seus pais brigarem diariamente, em alguns casos com resquícios de violência física, alguns trabalham desde cedo para completar a renda em seus lares, outros tem que sair no meio da noite para socorrer o pai que estar alcoolizado e dormindo numa sarjeta, alguns convivem com casos de roubos, tráfico de entorpecentes, prostituição e por aí vai. Isso não é novidade, a vida no Brasil é complicadíssima e muito disso poderia ser evitado se nós professores fizéssemos nosso trabalho um pouco melhor. Mas voltando para a questão do professor problemático. Essas pequenas pessoas que vivem nesse mundo extremamente complexo são muito imaturas e tirar sarro da ignorância de uma criança já seria um

absurdo por natureza, mas tirar sarro das crianças no Brasil é perverso. Por favor professor, você está na posição em que pode demonstrar às crianças um novo horizonte longe de todo esse sofrimento. Você possui uma confiança natural de todos – que nos últimos anos decaiu por culpa de professores com atitudes vergonhosas - porque as crianças depositam esperança em você. Elas enxergam você como alguém que pode atender a súplica que silenciosamente fazem. Agora, imagina o que você faz na cabeça de uma criança quando ela lhe enxerga como o único que pode auxiliá-la, que pode atenuar seu sofrimento ou ajudar numa passagem para longe disto, quando você é sarcástico em relação a alguma questão levantada em sala de aula, ou quando dá a famosa “carteirada” no aluno porque achou ridículo o que ele genuinamente tinha como dúvida. Ou quando omisso deixou que o aluno urinasse no meio da sala porque você é inapto o suficiente e incapaz de enxergar qualquer coisa além dos seus desejos imaturos, que espera que todos já saibam tudo que você sabe, que espera que todos consigam aprender da maneira que você aprendeu ou idealiza. Deixa-me esclarecer uma coisa: você está ali para ajudar os outros, para ensinar os outros... não é para você satisfazer seu próprio sadismo. Se comporte e respeite os seus alunos, não se arogue porque estudou mais, ensine-os.

2.2 DESONESTIDADE

Outra recorrente ação que precisamos cuidar é a falta de honestidade. Essa talvez seja o gênero de coisa que não se esperaria falar para um adulto instruído, mas ao que tudo indica não necessariamente o estudo leva a construção de caráter, porque se o contrário fosse verdadeiro, não iríamos nos deparar com a grande quantidade de profissionais mentirosos. Esse mal é algo que aflige a humanidade como um todo, então saná-lo não seria possível com uma conversa simples. Mas queremos demonstrar alguns casos ridículos que já escutamos durante as nossas incursões na educação no Brasil.

Determinado professor, quem parece um anjo para todos os pais, coordenadores e diretores, faz tudo certo, ao menos ao que tudo indica, na cabeça desse indivíduo, tudo que ele faz está sempre certo. Um dia, ele deixou que um aluno de outra turma ficasse em sua aula durante

todo um período de aula, ao mesmo tempo ele disse aos coordenadores que tentou impedir a estadia do aluno durante a aula inteira, felizmente o caso foi desmentido pelos próprios alunos e o professor estava mentindo. Outro professor jura, diariamente, que posta os diários de classe no sistema, mas inexplicavelmente eles sempre somem. Outro professor disse que “perdeu” os diários no sistema e lançou nota aleatórias (acima da média porque ele é alguém justo) para todos os alunos no final do semestre. Outro professor jura que não viu o aluno se balançando de forma compulsiva depois de pedir para ir ao banheiro e urinar-se na sala. Outro professor jurou que não tinha envolvimento com aluna nenhuma, mas logo após a aluna completar idade de maturidade legal assumiu um relacionamento amoroso com a mesma. Poderíamos seguir com essa lista, apesar de que cada uma dessas ações são problemas em si, não pretendemos falar dos atos, alguns deles até iremos tratar posteriormente, precisamos falar das mentiras.

Imagine uma sociedade onde existem pessoas que são responsáveis pelo ato de ensinar a todos aquilo que deve ser feito ou não deve ser feito. Essas pessoas gozam da situação prestigiada na sociedade, são respeitados e vistos como responsáveis pelos acontecimentos bons e ruins naquela determinada sociedade. Esses indivíduos são seguidos e seus atos são respeitados, assim como muitas de suas vontades também. O que aconteceria nessa sociedade se o que fosse ensinado é algo visto como ruim pela própria sociedade? Imagino que seria uma traição, algo que os outros membros dessa sociedade enxergariam como nocivo, reprovável e possivelmente punível. E isso é algo óbvio e bastante presumível. Então façamos a pergunta: como é possível que os professores continuem mentido e não sofram repreensão?

Não estamos dizendo que é necessário prender os professores que não entregam diários ou coisa do tipo, mas essas pessoas estão se colocando como educadoras de todo o resto da sociedade e não são capazes de assumir um erro bobo, uma falta de atenção, ou qualquer coisa que acontecera. Senhor professor, você não precisa ser perfeito, todos seres humanos sabem disto. Nós não somos perfeitos.

Anteriormente, a culpa referente ao atual estado da educação e da sociedade é parte de um delírio, não é uma mentira que os professores contam para si próprios para manter a consciência limpa. Não, eles real-

mente acreditam que não são culpados. Aqui o problema é maior, eles mentem sobre coisas que fazem, dizem que outras pessoas os mandarem fazerem determinadas coisas, tem todo gênero de atitude ridícula e buscam um culpado diferente deles mesmos. A doença ainda é a mesma, a arrogância, mas o efeito é diferente. Principalmente os resultados são diferentes. Imaginem a situação: quem está ensinado como devemos agir na sociedade é um mentiroso, que tipo de sociedade teremos construído? Pior, se nem mesmo quem ensina sabe reconhecer os erros, como ele irá ensinar os outros a errarem, se desculparem pelo erro e seguirem em frente? É necessário saber errar e como se comportar, mas a mentira não é um método aceitável de ação.

Um dos pilares mais básicos para a existência da sociedade é a confiança. Imagine um mundo onde não há minimamente nenhum resquício de confiança, diga como poderíamos viver?

Vamos fazer esse exercício. Pense que você está em um lugar onde não existem mais a ideia de confiança. Todos nesse lugar não sabem o que é isso, então elas vivem em um estado de alerta completo em relação a qualquer coisa. Para iniciar, nesse mundo algo como ciência, filosofia, estudos avançados em qualquer temática seria impossível. Não sabemos se isso será uma novidade para vocês, mas até mesmo a ciência só é possível porque confiamos em alguns pressupostos que apoiam o conhecimento construído através dos métodos e análises empregadas.

Bem, nesse mundo, conhecimento nenhum seria repassado e isso impossibilitaria a vida humana, fim! Mas vamos dizer que a confiança deixou de existir do dia para a noite na nossa atual sociedade. A partir do próximo dia você acordará e não conseguirá confiar em mais ninguém. Pessoas de mente fraca já iniciariam o seu dia eliminando qualquer pessoa ao seu redor, obviamente porque todas elas poderiam infligir algum dano, então, todo contato humano é arriscado e isso tornaria o mundo um palco de horrores apocalípticos, fim!

Mas vamos tentar demonstrar isso de outra forma, “mais realista”. Imagine que você sofre de uma doença onde a parte responsável do seu cérebro pela confiança apresenta mal funcionamento. Você é uma das poucas pessoas no mundo que não consegue confiar em outra pessoa ou em qualquer outra coisa, como seria sua vida? Bem, você não conseguiria comprar um pão numa padaria porque seus instintos dizem que

o pão pode estar envenenado, você não poderia casar-se porque a sua mulher poderia lhe causar mal, você não conseguiria comprar um carro porque pensaria que seria enganado de alguma forma. A realidade da vida humana é bem simples no sentido de que nós só conseguimos viver como sociedade porque temos uma confiança que as outras pessoas não irão nos fazer mal a qualquer momento. Essa é uma das coisas que passam despercebidas na nossa vida, mas ela é essencial. Não é o Estado que impede que alguém, enquanto você faz essa leitura, arrombe a sua casa e o viole fisicamente para concluir um assalto, não existe nenhum mecanismo que garanta que isso não ocorra. Contudo, nós vivemos nossas vidas confiando que essas coisas não vão acontecer e se acontecem dizemos que é um problema de segurança, mas não de confiança. Você só pode fazer uma cirurgia médica porque confia que o médico é capaz de executá-la, você dirige um carro e confia de forma velada em inúmeras pessoas que construíram e desenharam o carro sem nunca ter conhecido. A vida humana está baseada nesse princípio, qualquer cenário onde a confiança deixa de existir impossibilita a vida humana. Na economia esse gênero de discussão é algo quase banal, existem inúmeros trabalhos que abordam a questão da confiança e da sua necessidade na sociedade e quase ninguém ousa questionar isto.

Mas retornemos ao professor que não consegue parar de mentir de forma compulsiva seja para evitar transtornos para sua rotina ou seja para polir seu próprio ego, professores mentem o tempo todo. Mentem para os coordenadores, para os pais, para os próprios alunos e mentem para si mesmos. Quando nós professor fazemos isso estamos mentindo para toda a sociedade, estamos jogando toda confiança necessária na nossa profissão em uma lata de lixo e estamos tornando-nos os piores seres que podem existir. Mentir é repugnante, agora mentir na posição em que os professores se encontram é algo nefasto além do mero e comum ato da mentira em si. Se os professores que possuem o dever de ensinar a sociedade como se comportar e como agir de forma esclarecida mentirem, o que será da sociedade? Estamos na posição que automaticamente é respeitada, nós somos autoridades e aquilo que falamos é considerado algo sério. Quando a mentira se torna algo comum na vida de um professor a ponto em que os próprios alunos percebem – o que é natural de acontecer, já que se convive diariamente com eles e se

cria um laço pessoal – qual a mensagem que estaremos enviando aos alunos? Estaremos de alguma forma ensinando-os a mentir também, a serem tão abomináveis como nós somos e nós mesmo destruiremos o estatuto da confiança na sociedade. Se a mentira fizer lar na escola, então o pressuposto básico para existir uma sociedade será desmantelado. Não tenha vergonha em assumir quando erra, não viva no conto de fadas que você quer criar para aliviar-se da pressão que envolve errar. Nós já sabemos: todos erram! Se livre desse peso de querer a perfeição, de querer evitar estar errado, de evitar esse sentimento natural. Todos nos erraremos, erramos e isso é o fluxo natural das coisas, não tem por que evitar. Se nós conseguirmos demonstrar e agir conforme esse ideal faremos nosso papel na construção de uma sociedade mais justa, mas amigável, uma sociedade que pode confiar naquilo que o político fala, que o policial fala, que o empresário fala.

Contudo salientamos, nós vivemos na sociedade da mentira. Políticos mentem o tempo inteiro e de forma descarada, sem respeito com a inteligência alheia, os agentes estatais tentam manipular dados para evitar que seus departamentos sejam punidos. As forças policiais fazem de tudo para evitar que sejam filmadas, para silenciar suas possíveis transgressões. As pessoas mentem nos currículos de trabalho, mentem para suas esposas, para seus maridos, se mente na internet o tempo inteiro. Vocês acham que isso é saudável para a sociedade no geral?

Claro que não, mas a mudança se inicia na escola, se já estamos acostumados a mentir, imagina se até mesmo a pessoa que é considerada ilibada (o professor) mente. Então, destruiremos os pilares que podem sustentar uma sociedade. Por favor, não mintam professores. Construam uma sociedade baseado na confiança, digam a verdade para seus coordenadores, para os diretores, para os pais, não tentem maquiar ou transvestir o que é para ser dito para não ferir seus sentimentos ou os de outra pessoa. Só poderemos evoluir em qualquer aspecto enquanto sociedade se houver em nós o estatuto da confiança.

2.3 AUTORITARISMO

Dando continuidade na análise das ações nocivas que os professores realizam que devem ser expurgadas da rotina da sala de aula e da escola,

temos o autoritarismo. Particularmente esse é a ação que consideramos a mais comum e, dado sua regularidade e periculosidade, a que gera maiores impactos. Isso porque estudar não é algo simples, geralmente demanda empenho acima da média em comparação com o esforço que é necessário para outras coisas. Aprender coisas realmente complexas é algo só para aqueles que se dedicam o suficiente para compreender o que a natureza esconde de forma hermética e isso exige o contínuo exercício de autodesenvolvimento. Fazendo com que aqueles que estudam atinjam determinado patamar de entendimento a respeito das coisas ao seu redor. Automaticamente assumimos que o entendimento esclarecido obtido sugere que haveria na pessoa que é estudada um apreço pelos nuances da vida e humildade frente as possibilidades do conhecimento.

O professor passa a vida inteira estudando e ensinando, geralmente coisas de um cunho muito específico que necessitam de horas a fio de esforço e empenho para se formar uma base sólida em que o conhecimento possa repousar (posteriormente, vamos discutir os problemas que envolvem os professores que não estudaram o suficiente para lecionar). Supondo que o professor detém real conhecimento referente a alguma temática, isso só foi obtido através de um esforço elevado nas práticas do conhecimento. E quando alcançado, depois de passar por horas e horas nesse empreendimento difícil, o resultado que se esperava obter é uma beatitude frente as complexidades da vida, do conhecimento e do ensino.

O intrigante é que não é isto que acontece. Inclusive, parece que quanto mais o professor estuda, mais arrogante e autoritário ele se torna. Por exemplo, em alguns casos, suscitar uma dúvida em relação ao conteúdo ministrado é enxergado – pelo professor autoritário – como um ataque pessoal ao próprio professor, confundido a si próprio com a disciplina. E não raramente encontramos professores universitários escrupulosos, professores arrogando para si a aura de detentores de certezas inquestionáveis. Essa atitude somada ao seu dogma científico ou filosófico, do qual passam a vida inteira reformulando as mesmas questões a fim de massagear sua existência pífia e em alguns casos desnecessária, tornam esses indivíduos agressivos e perigosos. Não que esta seja uma atitude isolada dos professores universitários. Mas nas universidades, o título de doutor acrescenta uma dose de liberdade

poética necessária para tornar qualquer professor um antro de arbitriações pedagógicas. A maneira que esses professores autoritários se comportam é sempre a mesma.

Gostaríamos de fazer um lembrete para todos os professores. Caros colegas, sabe esse conhecimento que parece revestir vocês da intocável aura criada em seu imaginário divergente; então, ele é tão frágil e incerto que só perdura porque existem pessoas como você que creem nele mais do que na própria existência.

Cabe a dúvida, ao questionar estas pessoas que se valem da ciência para legitimar seu autoritarismo estamos sendo anticientíficos?!

Para os frequentadores dos cultos que querem arrogar em algum momento para si o mesmo gênero de autoritarismo que eles sempre se sujeitaram esperando a vez deles de poderem se vestir com o mantra da falsa intelectualidade, sim. Contudo, para alguém estudado na história do conhecimento humano, na filosofia, no entendimento antropológico que atualmente é amplamente discutido, então não, na verdade cientista é aquele que questiona até os conhecimentos obtidos por meio da ciência.

Por questão de ordem, estamos pedindo um pouco de humildade frente ao conhecimento, frente as coisas do mundo e frente ao universo. Tanto somos acusados de antropocentrismo ao mesmo passo parece que esquecemos a importância que isso significa em última instância. O conhecimento muda conforme nós conseguimos compreender o mundo que nos cerca, mas isso não impede dos pressupostos que tornam o conhecimento possível da forma que é feita serem questionados em algum momento. Inúmeras vezes durante a história provamo-nos incorretos a respeito de coisas que eram dadas como certas. Alguém verdadeiramente estudado tem a completa noção dessa situação e jamais arrogaria para si o título de discípulo da verdade. Aquele que estuda de forma verdadeira percebe os limites, do mundo, da vida, do seu conhecimento.

Mas considerando que existe uma necessidade de validação em nós mesmo, uma procura por significado que torna possível adotarmos um sistema como o único certo a fim de validar nossa insignificante existência perante uma possível complexidade ininteligível, assim, recorrentemente encontramos intolerantes que buscam elencar suas verdades como inquestionáveis e tipificar qualquer um que pense de maneira diversa

de ignorante, anticientífico, negacionista ou dogmático. Não que isso fosse um problema, novamente, cada um pensa o que bem entender, o problema é quando esses indivíduos são professores e querem usar suas posições para humilhar aqueles que pensam diferente.

Vamos apresentar uma história que realmente aconteceu em uma universidade. Primeiramente precisamos dizer que não é ponto pacífico que o atual modelo de justiça e de Estado são os únicos possíveis. Segundo, por óbvio, existem outras teorias para formular e justificar a existência do modelo de justiça na sociedade.

Certo dia em uma aula de direito, determinado aluno estava questionando o professor demonstrando a incoerência lógica na existência do Estado - o que não é difícil de fazer e nem é uma novidade. O Estado toma para si, a partir de uma visão dogmática, direitos que nega aos outros enquanto diz que é formado pelas mesmas pessoas das quais nega os direitos que toma para si, o que se torna válido por meio de certa crença ou dogmatismo criadas pelos detentores do poder político. Os argumentos que o aluno apresentou foram estes em uma discussão sobre responsabilidade nos biodireitos. O professor incapaz de convencer o aluno de que o ponto de vista da atual doutrina do direito é a melhor recorreu a seguinte fala: “se você pensa assim, então viva numa ilha”. A questão poderia ter sido respondida de inúmeras outras formas muito mais inteligentes pelo professor, mas ele ficou irritado com o fato de que existem pessoas que não concordavam com ele e a ofensa para o professor se torna tão grande que é levada como um ataque pessoal. Algo totalmente incoerente. Para pior, uma das notas de avaliação era a participação em aula, das discussões sugeridas pelo professor.

Queremos que vocês percebam que o professor poderia ter respondido de várias outras maneiras e apresentado uma resposta muito mais coerentes. Poderia ter falado algo como: “Você pensa dessa forma, o atual modelo não comporta esse pensamento, mas você pode ir atrás e pesquisar esse tipo de pensamento por conta própria” ou “Não é só uma questão de opinião, é necessário formular uma teoria que permita a existência desses direitos, a minha teoria permite, será que a sua permitiria sem que houvesse um problema maior para a sociedade?” Enfim, são inúmeras possibilidades de resposta para essa questão, todas muito mais aceitáveis do que tomar como ridículo o pensamento do aluno baseado

na autoridade que você tem referente a uma visão de mundo. O pior de tudo, era uma discussão envolvendo teorias dentro das ciências sociais, das *soft sciences*. Imaginem o quão arrogante é necessário um indivíduo ser para considerar que a sua teoria dentro das *soft sciences* é a única correta?!

Resultado dessa atitude infantil do Sr. Professor: o aluno nunca mais falou em nenhuma aula e o professor para não ter que presenciar suas crenças e dogmas serem questionados nunca mais dirigiu a palavra ao aluno.

O autoritarismo surge como um reflexo de uma atitude arrogante anterior. Como seres humanos, talvez exista em nós a necessidade de construirmos uma estrutura ideológica, dogmática e de crença a fim de validarmos nossa própria estadia na Terra. E isso não é problema, desde que sua crença não influencie e impeça outros de agirem nos mesmos limites que você possui para agir, então tudo certo e dentro de regras lógicas. Agora, no momento que o professor está tão fielmente aficionado com sua própria posição de vida que o que diverge dele se torna um problema, então nesse instante precisamos corrigir suas ações.

Como os professores passam suas vidas inteiras ensinando determinados tópicos em sala de aula, criam-se neles um laço especial com a própria temática. E isso torna possível um certo juízo de autoridade que se espalha para outras questões fornecendo certeza sobre qualquer coisa.

Então, devemos questionar o professor de física e suas crenças, possibilitando que visões de mundo – como as dos *terraplanistas* – coexistam com as ideias da ciência? Não, não é isso que estamos dizendo. Contudo, como professor, você não pode pedir para um aluno confiar no que você fala porque você é especialista no tópico. Se você, como professor de física não consegue desmentir algo risível como essa estúpida crença na Terra plana, então deverias resignar da profissão. Nenhum aluno, em nenhum momento, no tocante a questão do conhecimento, necessita tomar a sua palavra como fundamento de certeza para determinado questionamento. Ao professor autoritário cabe esclarecer, a sua palavra não vale nada em matéria de ciência ou conhecimento. O que vale é o conhecimento que foi construído por outras pessoas e que você entoa como se fosse seu. Quando você não consegue minimamente defender a posição que você é pago para realizar, nesse momento se torna claro a sua inaptidão e falta de conhecimento gerando a necessidade do afastamento do cargo.

Ou seja, não importa o quão absurdo é a questão suscitada. Para que um conhecimento seja considerado válido cientificamente, ele superou inúmeros ataques à posição – ataques parecidos com aqueles que são considerados risíveis atualmente. O professor-exemplo sabe lidar com isso demonstrando como questionamento são respondidos baseados nas respostas que o próprio conhecimento formulou para atingir a sua validade. Mas o professor autoritário é incapaz de fazer isso. Ou porque ele se tornou cego pela posição ou porque não detém o conhecimento necessário para fazê-lo; indiferente o caso, a única ferramenta que sobra é a autoridade que a posição fornece. Assim, o professor autoritário confunde o conhecimento consigo próprio. Suas respostas se embasam no argumento de que o que ele fala é correto por conta da posição que ele ocupa – posição que é subentendida, por todo o resto da sociedade, como de alguém que deve saber o que está falando e que o que ele fala é verdade. Isso possibilita aos professores autoritários todo espaço para serem inquestionáveis a todo tempo.

Devemos assumir que o argumento de autoridade é algo banal, ilógico e empregado por aqueles que não conseguem sustentar suas posições frente a um exame crítico. Professor algum se pode dar ao luxo de empregar tal argumentação. Infelizmente, na nossa atual sociedade, principalmente nas universidades, quando o professor faz uso desse tipo de artifício, nem os alunos se dão conta porque poucos foram ensinados na arte da retórica, permitindo que charlatões continuem a se passarem como professores detentores de algum conhecimento.

Existe uma outra face do autoritarismo praticado pelos professores que deve surgir da mesma verve de que os outros gêneros de hedonismo sádicos vêm. Esse tipo de autoritarismo é o mais comum em salas de aula das escolas, então ele merece ser identificado e impedido.

Parece existir em alguns professores uma falta de controle da sua própria vida (comum na humanidade), uma insatisfação com vida que acaba sendo transferida para os alunos. Essa situação leva os professores desfrutarem do despertar de maus sentimentos em seus alunos e esses fazem isso exercendo o controle sob aspectos da vida dos outros que não deveriam ser controlados. Em alguns casos, isso é feito de forma totalmente consciente e perversa.

Imaginem, em pleno século vinte e um, no ápice da modernidade tecnológica, do entendimento antropológico do homem, da ciência, o professor ainda ter o controle de quem está na sala de aula ou quem deve ir ao banheiro ou não. Organizar as escolas para que exista uma certa ordem já que os alunos ainda não são maduros para lidar com certas responsabilidades é compreensível. Agora, impedir que aluno vá ou não vá ao banheiro, principalmente em idades mais avançadas, como no ensino médio, é algo particularmente dotado de elucubrações surreais.

Deseja-se que os alunos sejam criativos, espontâneos, preparados para assumir responsabilidades em um mundo de informações instantâneas, de complexas relações intersubjetivas etc., sem sequer deixar o indivíduo ser responsável pela própria bexiga. Se isso não é a maior forma de incoerência lógica dentro das escolas, com certeza é uma das maiores. Mas isto só é possível porque os próprios professores foram sitiados a agir de uma forma institucionalizada, de serem escravos dos outros, daqueles que detêm o poder de criar as regras. E submetem seus alunos ao mesmo processo de institucionalização. O pior que esse problema é visto por muitos como necessário. Os professores gostam desse controle na vida das outras pessoas. É assustador, mas alguns se deleitam com essas coisas. Em parte, é por conta disso que tais controles continuam existindo. O segundo motivo que faz com que isso se perpetue tem relação com a necessidade do Estado em criar sujeitos dóceis, mas isto é outra discussão. Contudo, é inegável que este controle da vida das pessoas é parte do sadismo autoritário que existe na humanidade em geral. A escola e seus professores devem combater os resquícios de irracionalidade que existem na conduta social e não os perpetrar. O autoritarismo é fácil de surgir, é algo a espreita e aparece nas pessoas que desejam controlar os outros, despejando suas frustrações ou elucubrações nos demais com o objetivo de saciar desejos obscuros.

A resumo, não podemos, enquanto professores, nos apegarmos aos dogmas e empregá-los de forma violenta porque desejamos que todos pensem da mesma forma que nós. Também, quando nos deparamos com os profissionais autoritários, que constrangem os alunos para satisfazer seus próprios desejos ou dogmas, devemos nos opor, conversar com os responsáveis e se possível com o próprio profissional autoritário. Precisamos fazer isso, porque assim demonstraremos aos nossos alunos

como se luta contra a tirania e evitamos que a tirania seja vista como alternativa correta ou solução. Mas já antecipamos um alerta, quando o professor permite que alguns dos seus colegas ajam desta forma autoritária, você está alimentando a sociedade que lhe engolirá no futuro; será a sociedade que transformará qualquer pensamento diverso em poeira e isso será feito com prazer pelo sadismo que os próprios professores estão permitindo o cultivo.

2.4 QUEBRA DE SIGILO

Esse tema é algo mais específico, com incidência mais recorrentes em escolas, mas com implicações em diversos aspectos da vida humana na sociedade. Não saber guardar as informações sensíveis referente a alguma situação pode desencadear uma corrente de acontecimentos que facilmente levariam a vida de uma pessoa a ruína. Da mesma forma que um juiz não pode vazar informações das testemunhas de um processo penal com tema sensível, o professor que é confidente de um aluno não pode vazar informações do aluno para a comunidade extraescolar. Ainda pior é quando os fatos decididos pela escola são repassados dos professores para os alunos. Ambas as situações, quando existentes, demonstram a imaturidade muito típica de seres humanos incivilizados. Contudo, essa situação é recorrente na sociedade de forma geral e, como acaba sendo, na escola também.

Professores são seres que gostam de conversar e infelizmente quando você não é alguém esclarecido suas conversas são de ordem banal. Dentro das escolas isso permite a proliferação de um fluxo grande de informações sensíveis. Isso é natural, os alunos ainda estão aprendendo a viver em sociedade e por isso testam os limites do convívio em comunidade. Uma das formas de fazer isso é avaliando a vida pessoal dos outros. Porém, quando o professor toma conhecimento de determinada situação da vida pessoal de um aluno, ele tem duas opções: guardar para si ou repassar para as autoridades competentes se for algo envolvendo alguma ilicitude. Quando a informação é da escola e é repassada para os professores, nesse caso, os professores só possuíam uma ação a ser feita, que é: guardar a informação. Pode parecer algum exagero termos que discutir coisas desse gênero, contudo é surreal a quantidade

de professores que não conseguem ficar de boca fechada quando são confidenciados alguma informação sensível – independentemente da origem. Vamos analisar quais os reflexos desta ação ignorante por parte de alguns professores.

Por mais que exista toda uma mística na cabeça de alguns indivíduos que preferem viver desconexos da realidade, a escola sempre será um empreendimento. E como qualquer empreendimento há articulações internas feitas pelos seus administradores a fim de garantir a longevidade da atividade empreendida. Nenhum diretor em sã consciência organizaria a sua escola para gerar uma falência educacional localizada – pensar algo assim seria o mesmo que acreditar em *terraplanismo* ou em alguma outra conspiração ridícula. Então, quando o diretor da escola promove uma conversa entre professor e a administração para abordar determinados tópicos sensíveis, o professor não pode de maneira alguma sair pela escola disseminando a informação. Tudo isso poderia facilmente comprometer todo um planejamento feito e pensado de forma séria para alguma necessidade no ambiente escolar. Vazar esta informação, além de comprometer o futuro dos estudantes – assunto abordado a seguir, pode descredibilizar a conduta da escola por falta de contexto. A comunidade escolar ao saber de certas informações sem conhecimento ou sem considerar o todo que envolve determinado assunto cria cenários imaginários ao compararem e relacionarem fatos inexistentes ou parciais do contexto que levou a certa posição da administração escolar.

Ainda que a problemática do sigilo seja algo facilmente solucionável, o estancamento ou a reprogramação de uma informação sensível vazada é facilmente solucionável na maioria dos casos; porém, pensemos no exemplo que é dado para os alunos e como isso impactaria as vidas destes. Digamos que você se habitue com seu professor, aquele quem serve de modelo de pessoa para toda a escola, repassando informações sensíveis que seriam segredos para qualquer pessoa e em alguns casos pedido que o aluno se mantenha em sigilo quando nem o professor conseguiu. Com a recorrência destas ações sendo repetidas por diversos professores durante longos anos, como o aluno perceberá que isso impacta diretamente na vida das pessoas envolvidas na situação – isto está sendo naturalizado. Posteriormente, esse aluno terá dificuldades talvez em uma empresa ou na vida social comum para guardar informações que são vitais e confi-

denciadas em um ato de boa-fé, de credibilidade. As empresas e pessoas que repassam informações importantes e sigilosas fazem isso porque acreditam em seus confidentes. Agir vazando as informações incentiva os alunos a reproduzirem isso e inconscientemente gera um problema futuro para eles, os impossibilitando de perceber a gravidade de não manter segredos e de forma totalmente imprevista pelo professor que age dessa forma, a falta de sigilo do professor pode fazer com que um aluno perca uma boa amizade ou até mesmo um bom cargo dentro de uma empresa. Tudo isso porque ele cresceu em um ambiente em que o responsável também não era capaz de manter o sigilo.

Também temos o outro sentido que envolve o professor repassar conversas sigilosas que os alunos tiveram com eles. Os efeitos práticos são os mesmos que os anteriores, contudo queremos salientar o grau de imaturidade que é essa ação em específico. Se você é professor e algum aluno lhe escolhe para ser confidente de algum problema, alguma situação, conversa sobre algo de cunho sensível, esse aluno considera-o de maneira tão elevada que repassar qualquer informação desta conversa seria uma gigantesca traição aos olhos do aluno (exceto para as autoridades quando necessário – nesse caso, você estará ajudando o aluno). O professor não pode ser, em nenhum momento, visto como um vilão, como alguém que faz algo ruim. Nossa imagem deve ser preservada e cultivada como alguém de confiança, alguém que conhece as dores do mundo e mesmo assim busca uma forma de enfrentar elas ajudando a construir uma sociedade melhor. Não repasse informações que os alunos lhe confidenciaram se não houver a necessidade para tal. Isso traírá a confiança e destruíra a imagem que o professor precisa deter na sociedade contemporânea e que nós pretendemos resgatar com essas mudanças de atitudes sugeridas na obra.

2.5 DOUTRINAÇÃO

Essa espécie de ação, possivelmente a mais controversa do lado do professor, mas muito difundida no imaginário da sociedade como uma prática comum que os professores realizam, não pode continuar a ser ignorada e negligenciada como de costume. Não que as coisas que perpassam pela grande massa tenham respaldo necessariamente em verdade, contudo às vezes onde há fumaça há fogo.

Do ponto de vista do professor a doutrinação é negada e descrita como um mito, algo inexistente e ilusório criado pelas pessoas que não suportam as verdades que os mensageiros do saber repassam. Pelo lado dos radicais que buscam profanar a visão do professor na sociedade, cada dizer do professor contém alguma simbologia apologética à uma ideologia. Ambas as visões não poderiam estar mais enganadas uma a respeito da outra.

Sintetizando a parte que envolve a segunda visão, ela é necessária para validar ou um juízo dogmático e anticientífico na sociedade ou como recurso de defesa contra a doutrinação que se torna eventualmente em fanatismo radical. Essas articulações atendem a objetivos específicos, geralmente no intuito de manipular o entendimento da sociedade. Se atualmente essa visão detém algum grau de prestígio dentro da sociedade é culpa dos professores que a colocaram nesta posição. A imagem do professor detentor de saber e conhecimento, autoridade em seu respetivo campo, foi deteriorada não pela criação dessa visão, mas essa visão foi criada a partir das ações incorretas dos professores. A deterioração da imagem do professor é culpa exclusiva do professor que deixou escapar, por meio de suas ações incoerentes, o valor que possuía para a sociedade. Se o professor não possui mais valor em si, como função que é importante e que deve ser resguardada ao mesmo tempo respeitada pela sociedade, então a lacuna gerada por essa deterioração é preenchida pelo aumento de críticas referentes aos próprios professores. O professor é a causa de seus próprios problemas na atual sociedade e seria ignorância negar tal fato.

Referente a questão da doutrinação, vamos primeiro demonstrar como ela nasce no pensamento de um professor, posteriormente como ela se prolifera de forma a garantir uma subsistência da ideologia defendida pelo professor e da necessidade disso na mente do ideólogo dogmático, para pôr fim estabelecer como essa ação é extremamente nociva para o respeito intrínseco que um professor deve deter.

Dentro do mundo da ciência e da filosofia existem determinadas abordagens e interpretações para aquilo que podemos considerar como sendo passível de existência e conhecimento. Na ciência, essencialmente desde sua fundação mais materialista, há a forma de pensar própria da ciência que deriva de inúmeras discussões em torno da temática de um

conhecimento certo e previsível. Assim como também na filosofia a mesma discussão existe. Em ambos os campos de estudos houve e continuam a ocorrer debates acerca de pressupostos que possam formular ou não uma resposta acerca do que é passível de ser o que se pretende dizer que é. De forma a simplificar isso, saber o que é a ciência é ainda algo dotado de complexidades porque o conhecimento é tanto do objeto material quanto é formulado pela mente subjetiva humana e, dessa mesma forma, na filosofia existe o mesmo debate com tons diferentes já que o objeto e instrumento em cada um dos campos são diferentes. Essas discussões abrem espaços para determinadas respostas, principalmente antes de certos entendimentos formulados no último século na filosofia analítica, enviesadas em pressupostos que para um cético radical não seriam nada além de puro eufemismo metafísico. Isto porque determinadas respostas para problemas como a ideia de justiça, a ideia do que é a sociedade ou o que a mantém unida ou coesa, problemas de ordem religiosa, da economia política etc., não podem gozar de um instituto que possui forma e força semelhante as estruturas que fundamentam a física. Ou seja, alguns sistemas pensados anteriormente na história da filosofia, da sociologia e até mesmo da ciência¹ possibilitam discussões sobre sua validade e aplicação. Alguns deles estão superados dentro de uma ótica da ciência moderna, mas a própria ciência ainda precisa apresentar algumas respostas para sua validade ser universalmente aceita sem discussões.

Essas visões permitem que determinados gêneros de ideologias se preservem em determinados grupos que buscam estudar esses pensamentos. Infelizmente, quando alguém estuda uma possibilidade de resposta para algum grande problema há nele a difícil tarefa de não transpor isso para outros ambientes onde essa temática não dever ser abordada. Porém, o agravante consiste que algumas formas de enxergar o mundo não permitem essa dissociação, nelas são necessários um contínuo exercício de práticas diárias para alcançar a plenitude que a visão teoriza (porque a teoria coloca como pressuposto a visão que a própria teoria precisa ser empregada para que a teoria seja verificada –

¹ Nas ciências, os problemas relacionados a uma visão de mundo ou de ordem da interpretação subjetiva são mais facilmente solucionados conforme Karl Popper já demonstrou. Mesmo assim, isso não afastou por completos os problemas subjetivos que Quine apresentou a ciência.

algo próximo ao que Quine também estipulou e que é um argumento invalido do ponto de vista lógico). Ou seja, o pesquisador se torna o ideólogo do pensamento por conta da própria forma de pensamento necessário para que a pesquisa realizada se torne algo tangível para o próprio pesquisador. Assim, as realidades que deveriam ser dissociadas se confundem numa só.

O problema verdadeiro é simples de elucidar, ele acontece porque infelizmente esse ideólogo não percebe que seu ponto de vista em relação à alguma questão pode ser alvo de questionamentos e críticas, inclusive sob a possibilidade de estar incorreto. E essa inobservância é típico gênero de incoerência que somente ignorantes são capazes de reproduzir porque há inúmeras discussões em relação a essas visões que continuam a coexistir e literalmente outorgam umas às outras em uma disputa inacabada. Escolher uma e se dedicar a ela é sim o gênero de atitude infantil que não pode existir em pessoas esclarecidas. Uma pessoa esclarecida deve se deter de qualquer pensamento que detenha uma devoção dogmática. Contudo, não é isso o que acontece geralmente em salas de aulas. Todos os brasileiros já travaram contato com algum professor que busca disseminar seu ponto de vista. Grande parte desses professores ideólogos permanecem tão ativamente envolvidos com os objetivos de suas crenças que irão divulgá-las em ambientes dos quais elas não fazem parte. O professor de matemática não tem motivos para abordar teorias políticas controversas e discutidas em âmbito acadêmico experimental em suas aulas. Mas isso realmente acontece e isso é explicável pela necessidade dos ideólogos de validarem sua própria forma de pensamento. O ideólogo, assim como qualquer outro ser humano, não quer estar sozinho, ele deseja fazer parte do calor humano que existe na coletividade. Mas a coletividade só funciona de maneira adequada quando as crenças do grupo são semelhantes. Esse professor deseja que os objetivos das suas crenças, que estão longes de serem definitivas ou mesmo críveis em alguns casos, existam e que sejam aceitos socialmente. E que maneira mais fácil de fazer isso impondo de forma unilateral sua visão aos demais?

Obviamente se crê conseguir isso, para o professor ideólogo, de forma bem-intencionada, já que em sua interpretação a sua visão é a melhor para todas as pessoas. Contudo, infelizmente, isso é um gênero

de disfunção sinóptica do amadurecimento mental já que conduz a uma incoerência que os professores ideólogos não conseguem compreender. Se possibilita ao professor ideólogo pensar conforme uma visão que é adotada por ele, mas se nega essa mesma liberdade de pensamento aos alunos quando apresenta essa visão com valoração superior em relação a outras possibilidades.

No entanto, a atual sociedade é dotada de ferramentas que facilitam a validação do conhecimento e sua disseminação. Isso permite que o próprio aluno que é alvo de uma controvérsia procure por suas próprias respostas. Quando o professor ideólogo busca advogar em prol de uma determinada causa e forma de pensamento específico que não possui grande amparo científico ou social, ele abre espaço para o questionamento da temática que deveria ser abordada fornecendo motivos que abalam a estrutura que deveria existir no pensamento do aluno e da sociedade - no pensamento de que os professores sabem o que falam. Mas a verdade é que esses professores ideólogos não sabem realmente o que estão falando e é justamente isso que abre espaço para os questionamentos referidos. Isso gera as atuais demandas concernentes a doutrinação da própria sociedade abalando a imagem da profissão como um todo. O professor deve defender suas ideias embasados em teorias recentes e atualizadas longe de dogmatismos e apresentar um estrito respeito pelo contraditório do que é suscitado como teoria alternativa. Para nenhum professor de física será difícil prova que a Terra é uma esfera e assim deveria ser em todos os casos em que há qualquer questionamento. Mas se a defesa daquilo que o professor precisa fazer detém a necessidade de uma crença, então professor, você está advogando contra os princípios que permitem a existência da nossa profissão e do conhecimento em si.

A doutrinação deve ser evitada com estudo por parte do professor e com atos de honestidade intelectual. Uma pessoa letrada no conhecimento e dotada da vocação professoral não pode se pautar em juízos retirados de crenças instituídas em absurdos incivilizados. Óbvio que não devemos fazer disto uma caça às bruxas, como dissemos anteriormente, só as boas ideias preservam ao exame da própria sociedade e enquanto essas ideias existem no universo da fala elas permitem verificarmos o que é melhor ou pior. E a doutrinação, esses atos, já deram todos os indícios que não são queridos pela sociedade no geral e assim

devemos nos ater para garantir a integridade da imagem do professor. Continuar a agir de forma contrária revelar-se-á como um dos estopins que diminuirá a aceitação do que é conhecimento mais certo ensinado em sala de aula do que é mera opinião e crença, gerando a deterioração da profissão como um todo.

Ainda é necessário esclarecer mais um ponto. O conhecimento quando é raso e superficial proporciona uma falsa sensação de controle de uma determinada área e isso pode corromper a compreensão do mundo enquanto algo mais complexo do que as ideias que extraímos por meio de processos específicos dentro da análise de uma determinada temática. Isso causa a enganosa situação em que podemos ter algumas respostas como certeiras quando não são, mas isso não se confunde com o processo de doutrinar alguém em alguma temática. A escola no passado foi aparelhada pelo Estado como um instrumento para ensinar a doutrina luterana como um plano maior estabelecido pelo próprio precursor dessa religião. É inegável que existe nos dizeres daqueles que detêm o status de professor a possibilidade de manipular a forma de pensamento dos outros omitindo durante o processo de formação do entendimento fatos relevantes e divergentes com alguma narrativa que agrade mais o viés político do professor. Um exercício racional possibilita o amplo diálogo crítico embasado em argumentos e o papel do professor é garantir isto; jamais fornecer seu único e exclusivo ponto de crença a fim de manipular o entendimento omitindo outras formas de compreensão de um fenômeno. Isto não impossibilitará o professor de conseguir defender as ideias que são aceitas dentro da academia ou da ciência. De fato, enquanto a academia e a ciência continuam em constante mudança e adaptação, a doutrinação se apega a uma única forma de visão que se atrela a interpretação imutável de algo escondendo-se do debate. Quando você, conscientemente ou inconscientemente, como professor, ignora ou não repassa determinados pontos de vistas discutidos a fim de proteger seu próprio ponto de vista, então nesse momento você está doutrinando seus alunos. Guarde a defesa de seus ideais para locais onde isso deve ser feito, a escola não é lugar para esse gênero de discussão. O ideólogo tem diversos canais para tentar convencer as pessoas. Escreva um livro, faça um *podcast*, crie vídeos, porém não faça de palco o lugar onde as pessoas esperam o conhecimento mais apurado de determinadas

temáticas específicas. Você não foi contratado para isso, não é pago para isso e muito provavelmente não gostaria que isso tivesse sido feito com você no passado ou que isso seja feito com seus filhos em um futuro. Para o professor ideólogo, faça o seguinte exercício: se coloque no lugar em que algum professor tentasse doutrinar você com a visão contrária a que tem agora e isso impedisse você de conhecer aquilo que você atualmente defende, você acha isso razoável?

Provavelmente não, mas as pessoas que detêm essas atitudes geralmente são maléficas ou ignorantes, por isso é necessário reforçar que a ideia da doutrinação é errada como um todo evitando que os professores incorram no erro de tentá-la. Imagino que ainda restaram alguns ideólogos que não concordaram com isso e pensaram: “só estou falando o que é certo, óbvio, “científico” etc.”, então faça o esforço intelectual para verificar se quando alguém apresentar uma visão contrária à sua em sala de aula, você não fica irritado ou pense que os alunos são ignorantes e incapazes de lhe compreender. Geralmente o ideólogo está acompanhado de um senso de superioridade moral, se você fala de forma irritada para os seus alunos que: “eles não me entenderam por que são muito novos (ou muito ignorantes)”; ou você não serve para ensinar ou você simplesmente está apontando sua visão em detrimento da deles sem fundamentos para sustentá-la. E por último, todas teorias possuem argumentos que as fundamentam, reproduzir elas como um disco arranhado não é argumentar, é explicá-las.

2.6 FALTA DE ESCLARECIMENTO

As ações que precisamos rever como professores florescem, ao que tudo indica, da arrogância intrínseca ao sentido que a autoridade referente a algo está intrincado. Existe aquele ditado maquiavélico² que parece explicar bem o caso. A maioria das pessoas, incluindo alguns os professores, não possuem a possibilidade de se dedicar de forma profunda ao conhecimento e por conta disto se forma uma mente com determinados saberes sem o devido esclarecimento. No caso dos professores é pior. Os professores possuem como atribuição comandar uma sala de aula repleta de outras pessoas. Isto fornece um poder referente a vida

²Dê o poder ao homem e descobrirá quem ele realmente é.

dessas pessoas – mesmo que, sem dúvidas, muito parcial. Mas mesmo esse sendo um pequenino poder, ele já abre as portas para as mentes mais fracas se embriagarem com a possibilidade de controlar a vida dos outros. Isto também cria o ambiente autoritário que antes mencionamos, porém ele é responsável por outros problemas.

Como o professor sente-se neste parcial controle das vidas dos outros, quanto mais mal-intencionada for a pessoa mais situações em que não se apresentam justificativas para seus atos surgem. O professor que não comprehende a função, sua importância, que suja a reputação da profissão, também toma suas decisões de forma unilateral e exclui os integrantes e participantes do cotidiano escolar da formação de um processo mais completo. A proximidade que pode existir entre professor e aluno pode fornecer o espaço para crescimento de ambas as partes. Por meio de diálogos reflexivos ou explicativos, o professor pode criar um ambiente da sala de aula participativo e integrado.

Mas para alguns professores que possuem como profissão ensinar e explicar as coisas, parece difícil – pasmem - explicar os motivos pelos quais determinadas ações são tomadas em sala de aula. O professor não precisa do aval de nenhum aluno para tomar qualquer decisão – e caso alguma decisão esteja incorreta será papel da direção e não do aluno mediar e solucioná-la. Contudo, não existem motivos para impedir um professor de promover uma pequena e breve explicação para suas ações. Isso simboliza para os alunos que o professor está pensando de forma holística e deixa claro o que está acontecendo. Fundamentando as ações de forma clara e explicativa, o professor demonstrará em todo momento a importância daquilo que ele busca fazer. O aluno está ciente do que ele estaria abrindo mão quando decide não participar da aula. Como também permite que os alunos conheçam a estrutura de pensamento do professor, possibilitando maior entendimento da sistemática das aulas no geral. O professor não deve justificativas aos alunos, mas apresentar esclarecimentos para eles facilitará a criação de um ambiente coeso e direcionará a atenção de todos para o mesmo foco.

Mas, de forma surpreendente, até mesmo isso é algo que os atuais professores são incapazes de fazer. Os motivos: ações autoritárias ou – que pensamos ser a maioria das ocorrências – nem os professores sabem o porquê estão fazendo algo. Infelizmente, essa é a triste realidade. Ser

professor não garante ter compreensão e entendimentos acima da média. Geralmente, a maioria dos professores são técnicos em alguma determinada área e isso é extremamente necessário, no entanto a profissão não se resume a isto. Aparentemente, todos os professores concordam que é melhor um professor com didática do que com vasto conhecimento. Infelizmente, da forma que as escolas estão, aprofundamentos muito complexos são impossíveis de serem alcançados dado que os alunos não possuem a compreensão de elementos básicos necessários para a construção de conhecimentos mais avançados (em paralelo, não que isto também não seja um problema, mas a situação só irá ser alterada para melhor quando mudarmos a imagem do professor e resgatarmos o sentido das ações dos professores). Continuando, o professor que busca aprofundar determinada temática às vezes se vê encurrulado onde é necessária muita didática para se recuperar os alunos da situação em que eles se encontram e nem todo o conhecimento técnico do mundo vai lhe ser de serventia sem o devido jogo de cintura.

Temos como evitar essa situação de duas formas. Professores devem se preparar para as aulas. Não podem fazer como alguns colegas sempre fizeram, chegar nas aulas com os conhecimentos técnicos decorados e esperar que os outros absorvam isso sem a devida apresentação dos porquês. O professor possui o dever de demonstrar a todo momento o porquê aprender determinado conteúdo é importante, da mesma forma o que isso irá impactar na sua vida, como também demonstrar o porquê está tomando tal abordagem. Isso não é uma coisa difícil de ser feita para aqueles que só ignoraram essa necessidade até o presente momento. Pessoas esclarecidas justificam suas ações e elas sabem os motivos pelos quais estão agindo de determinada maneira – professores devem ser o sumo do esclarecimento na sociedade e devem enfatizar o motivo de suas ações a todo tempo. Isto criará uma sociedade capaz também de pensar nas suas ações e verificar a todo momento os motivos pelos quais está impelida a agir de determinada maneira. E nós professores podemos criar esse hábito nas pessoas, não de forma impositiva, mas pelo exemplo de quão benéfico é entender os motivos por de trás de determinadas atitudes.

A questão dos professores que se sentem autoritários por conta do poder que emana da posição que ocupam é mais complexa de lidar.

Aos professores esclarecidos devemos instigar nossos colegas a rever suas ações e a única coisa que podemos fazer é demonstrar como essas ações são ruins para as pessoas. Anteriormente já foi descrito o porquê o autoritarismo é algo nocivo para a escola em geral, mas agora vamos demonstrar como a falta de comunicação é nociva como ação em si.

Os professores odeiam fazer o diário de classe e registrar suas aulas, mas poucos deles tentaram até hoje entender qual a necessidade disto. E é algo bem simples, comunicação. Os professores são obrigados pelas escolas a preencherem seus diários a fim de descreverem o que estão fazendo possibilitando para pessoas mais preparadas avaliarem se seus métodos e cronograma são aceitáveis para alcançar os objetivos pretendidos pela escola. Sem isto, não haveria controle nenhum e seríamos incapazes de organizar o processo educacional de maneira mais profunda.

Mas não só isso, a comunicação é um pilar básico para a humanidade. Será que alguém impugnaria a linguagem como responsável por diversas conquistas humanas relacionadas ao conhecimento? O objeto que tratamos como professores é o conhecimento e o conhecimento é repassado através da linguagem necessitando da boa comunicação para a distribuição das informações pretendidas. Se o professor é incapaz de se comunicar de maneira adequada, então necessariamente ele é incapaz de repassar informações e é impróprio para ocupar a função. Uma sociedade aberta como as democracias ocidentais são construídas a partir do entendimento claro dos motivos envoltos nas ações das pessoas. Esses motivos só vêm à lume através de um esforço de elucidação por meio de uma boa comunicação. A organização escolar depende tanto disto que se tornou obrigatório para o professor preencher diários explicando suas aulas, mesmo assim os professores ainda não conseguiram perceber a importância de comunicar aos alunos o porquê estão tomando determinado rumo nas aulas. O sinal mais claro de que você é um professor com problemas na comunicação é quando repudia o preenchimento dos diários – imagino que tenha feito isto até hoje sem tomar consciência dos motivos pelos quais isso existe. O professor que se recusa a fazer os diários e explicar aos seus alunos o porquê está fazendo algo, é um problema para toda sociedade. Deixamos claro que se o professor faz algo que é ruim para o crescimento dos seus alunos, então ele está coo-

perando para a construção de uma sociedade vil e torpe e isso gerará problemas para todos os integrantes da sociedade. Alguns problemas que existem podem ser solucionados pelos professores quando assumirmos nossas responsabilidades de forma íntegra.

Não pensamos que este ponto será muito questionado, é algo claro e necessário, um dos pilares do mundo contemporâneo e das pessoas esclarecidas. Então, referente a esta ação, pensamos que ela precisa ser solucionada. E esperamos que será, com devida facilidade, porque no fundo a imensa esmagadora maioria dos professores quer realmente transmitir o conhecimento para seus alunos e desde que comunicar seus motivos facilitará isso, a adoção desta mudança de atitude será generalizada.

2.7 RELACIONAMENTO INDEVIDOS

Dizem que os professores gostam tanto da escola que querem continuar nela mesmo após sua formação e no fim isso parece ser realidade. Os professores são eternos alunos e estão em constante eventos para melhorar suas habilidades. Nesses eventos, assim como os alunos, procuramos nos sentar junto aos colegas que temos maior afinidade, alguns conversam mais do que deveriam até o momento que algum professor pede silêncio para os demais se referindo a eles como alguma turma bagunceira da escola – por algum motivo maior que a mera coincidência, é geralmente o sexto ano. Imaginamos que esse contexto demonstra como somos todos muito parecidos com nossos alunos no final das contas, mas não é esse ponto que queremos abordar aqui.

Existem nesses momentos, assim como em todo cotidiano acadêmico, nos professores, um gosto pelo ambiente escolar ou universitário, nós queremos permanecer nesses lugares porque eles imprimiram em nós boas e valiosas coisas. Da mesma forma, pretendemos imprimir esse mesmo sentimento na vida das outras pessoas que também estão atravessando pelo percurso do conhecimento. Até aqui tudo certo, nenhum problema em gostar do ambiente escolar e querer passar a vida neste lugar. No entanto, isso torna-se um problema quando a confusão que todo esse sentimentalismo causa afeta as relações aluno-professor. Algo que é muito recorrente e possui diferentes intensidades. Nos seus

casos menos intensos e de grau leve, os professores se misturam com os alunos como iguais, como amigos ou colegas. Nos graus complexos e que derivam de outra fonte, talvez algo patológico, leva os professores a se envolverem de forma romântica com seus alunos. Pretendemos abordar mais a primeira situação do que a segunda, até porque a segunda é repugnante sem a necessidade de qualquer avaliação muito profunda.

Em referência a primeira situação em que os professores se envolvem de forma demasiadamente amigável com seus alunos temos o problema mais clássico nas escolas. Quando o professor se envolve com os alunos, ele está muitas vezes e de forma genuína se divertindo conversando com os seus alunos. Isto pode não parecer grande coisa, de fato entre todas as outras ações analisadas, esta é até agora a menos problemática. Contudo, como nossos alunos são pessoas que ainda não são esclarecidas, o envolvimento do professor e do aluno deverá ser sempre estritamente profissional. Não sendo, abre-se espaço para a imagem do professor ser valorada de forma diferente da qual nós pretendemos resgatar nesse livro.

Quando um aluno conversa com o professor é necessário que exista sempre o respeito implícito pela profissão do professor. No momento que o professor começa a agir rompendo com essa hierarquia, ele promove a desconstrução de toda a estrutura escolar. Quando o respeito pela imagem do professor é abalado, o que o professor busca ensinar também se torna questionável ou dispensável. Assim como se dispensa as conversas do cotidiano com um amigo, os alunos irão dispensar as aulas do professor pela confusão que farão em relação a atitudes do professor enquanto professor e do professor enquanto amigo.

Professores, a escola é seu trabalho, você detém o dever de ensinar e para tanto deve se privar de qualquer ação que possa de alguma forma tornar isso inatingível. O trabalho do professor é ensinar, não é ser amigo, nem reviver sonhos nostálgicos. A amizade entre os professores e alunos abala todo sistema hierárquico necessário para a escola formar pessoas com as habilidades que precisamos na sociedade. O professor precisa de uma imagem íntegra para alcançar os objetivos pedagógicos. Sem ela, tanto o professor sentir-se-á incomodado sem conseguir ensinar ninguém, como também os alunos não poderão desfrutar daquilo que o professor quer repassar devido à falta de maturidade. Ainda, de forma

direta, não tem problema os alunos não gostarem de vocês senhores professores, seu trabalho não é cultivar o amor deles por vocês, mas sim o respeito deles por vós. Não tenha medo de repreender temendo que assim os alunos não irão mais participar de suas aulas ou coisa do gênero, se sua aula for bem organizada isto nunca será um problema. Mas nossos alunos precisam entender os limites que existem entre diferentes pessoas. O professor deve ressurgir como alguém de importância na sociedade e isso deve vir acompanhado do devido tratamento, não mine o trabalho alheio transformando a imagem do professor em alguém sem importância. Isso não quer dizer que você não pode brincar com seus alunos ou participar de atividades com eles quando necessário. Não se trata disso e sim de que exista um limite claro entre o que é a ideia de ser professor e como isso precisa ser mantido dentro do imaginário das pessoas. Quando o professor perde a imagem construída com muita dificuldade e merecida pelos professores anteriores, ele estará causando um problema para toda a sociedade. O resultado disto é justamente contrário ao que o professor pretendia. Justamente os alunos que ele se importava tanto acabam se tornando deficitários na construção do conhecimento por conta da sua forma de agir demasiadamente próxima ou amigável. Essa ação é facilmente solucionável e é importantíssima para o resgate da imagem do professor que pretendemos estabelecer. Então, por favor, reconheça que seu tempo já passou na escola e que agora você está ali para possibilitar o acesso ao conhecimento para outras tantas pessoas.

2.8 IGNORÂNCIA

Infelizmente esta é a espécie de ação que pode parecer impossível de existir dentro da escola por parte dos professores, contudo ela é tão presente que é a mais comum no repertório de ações dos atuais professores.

Os atuais professores tornaram-se tão arrogantes perante o conhecimento que decidiram de forma autônoma que não precisam de mais conhecimento. A parte mais controversa é justamente essa. A esmagadora maioria dos professores nunca abre um mísero livro durante a maior parte do ano letivo, mas repetem todos como se fossem um coral numa apresentação musical da importância da leitura. Não sabemos qual a

vergonha de admitir que não se estuda; isso é um ato que uma pessoa correta tomaria e seria igualmente esclarecido. Ignorância é mentir para os outros e é pior quando a mentira é acompanhada de um conselho que nem mesmo o conselheiro toma.

Não estudar depois da formação é comum para a maioria das profissões, os professores não deveriam se sentir tão envergonhados disto a ponto de fazer com que isso seja um problema insolúvel. Vocês já possuem o conhecimento técnico necessário, ninguém é obrigado a conhecer mais coisas, isso é feito geralmente por vocação e não por qualquer um. Mas é aconselhável não se deter no comum. O conhecimento deveria fornecer as bases para maior esclarecimento e isso só demonstraria o quanto necessário é compreender ainda mais coisas. A ignorância também não pode tomar forma como institucionalismo barato. Certa vez, um colega professor disse que não gostou da medida escolar em trocar o sino da escola típico por uma música clássica. Anteriormente, a escola era lembrada dos momentos de início, intervalo de aulas, intervalo de descanso e fim da aula com uma buzina barulhenta enquanto agora é reproduzido uma bela música para sinalizar os mesmos momentos, inclusive uma música que as atuais gerações de alunos desconhecem. É ao mesmo tempo mais bonito e educativo. Mas a ignorância penetra tão forte no coração de alguns que até uma modificação desse grau é problema. E é problema devido a pobreza intelectual do mesmo e de tantos outros professores ignorantes.

Mas, o mais inadmissível acontece nos casos em que o professor ainda não detém o conhecimento da sua área de forma completa. Principalmente atualmente, onde existem diversas maneiras para aprender o necessário para exercer a função. Ainda que isto ocorra por conta de outros problemas sociais, é inegável que na atualidade o professor ignorante passou pelos instrumentos de formação institucional e sem surpresa isso não foi suficiente para atingir o esclarecimento e conhecimento necessários para lecionar. Essa situação gera um efeito dominó; outros professores formam maus professores que formam outros professores igualmente ruins. Existem problemas teóricos e visões de mundo que perpetuam esse ciclo. Como rompê-lo? Simples, estudando de verdade (coisa que na educação brasileira é algo realmente raro para todos). Existem inúmeros cursos online, vídeos em plataformas digitais, livros baratos e acessíveis. Enfim, não dominar por completo todo o conhecimento da

própria área é uma vergonha sem igual. E, imaginando que para surpresa de muito, isso acontece recorrentemente. Mas ainda assim, apesar de isto ser algo vergonhoso, não pensamos ser o principal gênero de ignorância que precisamos evitar nas escolas. O pior gênero de ignorância é aquele que impede o professor de compreender as coisas evidentes.

A coisa evidente pode ser a necessidade de estudar algum tópico antes de lecionar, de aprofundar algum conhecimento, de melhorar a didática, de melhorar a letra etc., ou seja, qualquer coisa que precisa ser melhorada. A verdadeira ignorância que existe na profissão dos professores é considerarem que não precisam melhorar e ignorarem seus erros devido a sua própria arrogância. Assim como muitas das outras ações, a ignorância para os professores é causada, novamente, pela arrogância de considerar-se superior.

Alguns professores simplesmente esquecem o fato de que são seres naturalmente condicionados ao erro e que por conta disto são necessário atitudes humildes frente as falhas humanas. Mas eles preferem ignorar isso. Seja porque os fere o ego ou porque estão cegos demais pela sua própria arrogância para enxergar o óbvio, mas isso acontece em alta frequência. Isso faz com que o professor pense sempre estar correto independentemente do quão errado sejam suas ações – e o que é comum de acontecer, os professores; talvez por conta de algo patológico; quando questionados sobre um erro dificilmente o admitem e isso está em consonância com justificativas ignorantes e mentirosas. Isso se agrava nos cargos públicos efetivos, literalmente abrindo a possibilidade para que os piores professores ajam da maneira mais ignorante possível. Ignorando seus deveres, seus alunos, suas obrigações. A ignorância acadêmica é um mal, contudo não se dar conta dos problemas que o professor cria, que são de sua responsabilidade é o tipo de mal que assolará demasiadamente a sociedade como um todo.

Se o professor que possui em suas atribuições a necessidade de formar os indivíduos da sociedade, é incapaz de perceber o mal daquilo que deliberadamente escolhe ignorar, então o que poderemos esperar da sociedade no geral? O professor deve ser capaz de reinventar-se a todo momento e através de seu exemplo, demonstrar como solucionar as problemáticas que surgirem diariamente. Mas no instante que o professor se nega a fazer isto, então ele deixa de cumprir sua função social.

Esse exercício de integridade intelectual, de ser esclarecido em relação suas atitudes, atrelados a uma boa conduta e didática adequada possibilitará aos professores formar pessoas que também não ignorarão os problemas. Os alunos instigados pelos professores-exemplos serão capazes de conhicerem a si próprios, de encontrarem os problemas em suas vidas e buscarem soluções. A opção do covarde sempre será viver sob a escuridão com medo de que a luz possa tornar claro um fardo que aparentemente é pesado demais para se carregar. Contudo, os verdadeiros problemas do mundo, principalmente os que envolvem o conhecimento, só são solucionados por pessoas que se livram de seus grilhões. E a humanidade é capaz de tal coisas de, apesar todas nossas limitações, continuar olhando para o complexo, para a dificuldade e compreendê-lo. Em alguns casos precisamos de alguém para guiar-nos ou dar o empurrão inicial. O professor deve ser essa pessoa e não aquele quem reforça seus vícios deixando claro para os alunos seus defeitos e seu desinteresse em solucioná-los. O professor é o guia, ele tem o dever de fazer com que seus alunos não se amedrontem frente ao que não está claro, de que se alguma coisa não funcionar da maneira desejada, podemos fazer algo a respeito.

2.9 REDES SOCIAIS

Existe apenas um motivo para o professor participar de maneira ativa nas redes sociais, a divulgação do conhecimento. Para esses profissionais, que conseguem fazer isso sem recorrer a indecência ou narrativas políticas e ideológicas, há de se reconhecer seu mérito. Esses professores estão participando de uma verdadeira guinada do conhecimento, proporcionando qualidade para diversas pessoas da sociedade comum que não possuem outras formas de obter conhecimento. Ao mesmo tempo, eles estão contribuindo para a desmistificação de boatos e mitos, construindo conhecimento para as pessoas que não possuíram durante sua idade tenra a possibilidade de crescer em um ambiente intelectualizado. O único alerta que fazemos para esses professores é que não percam o seu principal objetivo e as limitações relacionadas aos seus conhecimentos específicos. O ópio dos intelectuais é deleitar-se com o sabor da fala relacionada a coisas que não comprehende por completo extrapolando suas capacidades e utilizando da reputação conquistada em uma área

para fins diversos. Um exemplo claro disso foi Chomsky ou Russell, contudo o brilhantismo ainda assim lhes garantiu um vasto campo de especulação possível. Esse tipo de ação se torna perigosa quando é feita por pessoas que não possuem o mesmo nível intelectual e assim são mais suscetíveis aos enganosos lampejos do glamour no qual estão parcialmente submetidos em suas redes sociais. Faça a divulgação científica e do saber, mas limite-se ao que você realmente conhece com propriedade sem juízos políticos ou valorações de cunho ideológico pessoal. Já para o professor que utiliza a rede social como instrumento de entretenimento ou de contato social virtual, necessitamos rever suas ações.

O mundo da internet é conhecido pela superficialidade intrínseca e necessária para o fluxo contínuo e gigantesco de informações. Ninguém, na internet, está preocupado com o aprofundamento em determinados tópicos que estão em “alta” no momento. A parte interessante disto tudo é que o ser humano realmente é propenso a essa espécie de superficialidade. Já nos gregos víamos a discussão sistemática referente a juízos da aparência em relação a conceitos puros. De maneira simples e lógica, é muito mais fácil assumir como correto aquilo que se condiciona aos desejos e vícios que temos. Não tomar isto como caminho de ação necessita de profunda reflexão e em alguns casos a reflexão leva ao mesmo caminho que os desejos e os vícios levariam. A diferença entre uma situação e a outra é o entendimento obtido por meio da racionalização que envolve o processo de reflexão, do qual, no primeiro caso, é inexistente e por isso fornece resultados mundanos menos qualificados. Com isto, podemos dizer que existe um convite às coisas que nos chegam de forma mais simples, rápidas e fáceis. Salientamos que a própria biologia e a psicologia comportamental concordariam com essa premissa filosófica de que estamos sujeitos de forma primária a tendências que apresentam benefícios virtualmente mais vantajosos do que a tomada de outras decisões em que o exercício necessário para tornar determinadas ações válidas por meio da análise racional é mais difícil. A internet é o lugar dos juízos fáceis e instantâneos. Os canais de notícias são superficiais e simples, geralmente se atrelam a narrativas de cunho político para mascarar suas questões ideológicas e o cérebro humano adora essas coisas. Nós queremos coisas das quais agradam sem que exijam demasiado esforço e a internet fornece isso aos montes.

As redes sociais são o antro de toda superficialidade e ignorância que condiciona parte da vida humana. Esse condicionamento só pode ser evitado com o exercício de rememoração constante de que somos capazes de empregar a razão para compreensão do mundo, sendo este nosso maior diferencial em relação a todo o restante dos animais. Mas quando a vida não é regrada pelo exercício de questionamento e de aprofundamento das ações, as redes sociais e as atitudes menos esclarecidas da humanidade tomam conta das mentes desavisadas ou fracas. Como somos a primeira geração experimentando tais coisas precisamos levá-las as últimas consequências lógicas para verificar suas validades.

No fim, imaginamos que o resultado será sempre o mesmo, pessoas detêm a liberdade para fazer das suas vidas aquilo que bem entenderem, assumindo os riscos e possíveis danos de suas próprias ações sem que isso prejudique os demais. No caso dos professores que se envolvem com as redes sociais no sentido de promoção do contato social virtual, há o agravante de que isso não é saudável para as relações entre alunos e professores.

No formato que temos atualmente, as redes sociais estão lotadas de fotos que envolvem contextos de festas, saídas para determinados locais turísticos, jantares românticos, objetos adquiridos, uma exasperação da vida privada sem necessidade. Isso em si não é problema, você pode pensar. A parte interessante é que isso se torna um problema quando a sociedade contemporânea vive sob a ótica das coisas motivadas pela aparência e pelo juízo superficial das quais as coisas estão submetidas. As redes sociais, não só omitem a verdadeira situação de seus usuários, que empregam ela geralmente de forma manipuladora, mas promovem uma vida mundana lograda de valores muito distantes do conhecimento. E, ainda que alguém argumente que faz uso das redes sociais para compartilhar coisas que parecem relacionadas com o conhecimento, como fotos de livros, pesquisas, momentos em ambiente de laboratório etc., no fim você só está fazendo isso pela desesperada necessidade de aprovação social que os *gostei* (*likes*) das redes sociais proporcionam. E isso é problemático. Nossa atual juventude que viveu submetida sob essas tecnologias apresenta inúmeros problemas e transtornos de ordem psiquiátrica. Mas ainda nem seria isso que validaria a saída dos professores das redes sociais. O que vai

validar esse pedido é o argumento que consiste no fato de que as redes sociais não agregam em nada para a vida de alguém que está atrás do conhecimento profundo.

As pessoas que estão nas redes querem demonstrar a superficialidade de suas vidas vazias e os professores não deveriam ser vistos da mesma maneira. Pessoas que buscam conhecimento não devem ser enfeitiçadas pelas aparências das coisas, pelas superficialidades das coisas. Pessoas dotadas do conhecimento compreendem que é difícil obter o saber e que ele não é resumível em coisas passageiras e instantâneas como as coisas da internet. A elevação do caráter ético que estamos propondo surge da possibilidade de os professores também elevarem suas atitudes à um espectro intelectualizado de ações. As redes sociais vão no sentido contrário do conhecimento e da estrutura necessária para formulá-lo. Se os professores forem parte deste ciclo vicioso, onde as redes sociais e a internet como um todo proporcionam os estímulos contrários ao caminho do conhecimento, a sociedade se tornará escrava da manipulação das narrativas superficiais que a internet vende. Os professores devem estar livres destas amarradas e demonstrarem ser a antítese das redes sociais por meio de seu exemplo. De um lado teremos o conhecimento raso, manipulável e superficial existente na internet e de outro lado, o difícil caminho do verdadeiro conhecimento; o professor deve escolher um dos lados e só existe uma resposta correta entre as alternativas dadas.

2.10 DESLEIXO

A mudança de imagem que pretendemos alcançar para os professores perpassa pela profundidade necessária da avaliação racional de nossas ações, como também de coisas de uma característica puramente social. Infelizmente, até mesmo as questões das vestimentas tornaram-se um problema dentro das escolas. O que por si só pareceria surpreendente, mas o mais surpreendente ainda é o fato de que o bom senso não é suficiente para solucionar esse problema. Vamos começar relatando um problema que aconteceu em uma escola. Este caso é mais surpreendente do que as surpresas anteriores e imaginamos que o leitor vá pensar assim também.

Este professor em questão se vestia de maneira simples, porém mais séria. Sapatos sóbrios, calças pretas e camisas sociais geralmente colocadas por dentro da calça, típica veste social. Você pode pensar, não há como existir algum problema com isso, são vestes normais que qualquer pessoa utiliza quando quer emitir algum grau de seriedade. A parte engraçada é que certo dia, na sala dos professores, o professor foi alertado que suas roupas poderiam ser um problema. Você deve se perguntar por quê?! Respondemos, supreendentemente porque algumas meninas acharam que o professor era alguém de boa aparência e isso despertava nelas algum desejo primitivo – que o professor em questão pouco se importava –, mas na cabeça da coordenadora que o repreendeu, ele se vestir dessa forma era o problema. Ao mesmo tempo, os colegas professores que utilizavam bonés, calções, tênis coloridos, que possuíam aparências sujas, malcuidadas e toda espécie de desleixo, não eram repreendidos. Ainda que isso seja um caso extremamente isolado, nos fez questionar como a atual situação das escolas, principalmente dos envolvidos no processo educacional, está corrompida e distante da realidade das pessoas comuns. Então, isso nos leva ao seguinte tópico, a aparência e vestimentas dos professores.

Sim, a aparência é algo voltada a superficialidade e foi dito anteriormente que não existem motivos para julgar as coisas pela aparência. Mas, se por meio de um juízo do entendimento se chegar à conclusão da necessidade de determinadas vestes para determinadas ações, isso não é algo só da aparência ou superficial, isto deriva de algo sério, resultado de uma construção histórica, social e cultural que envolvem diversos testes na própria sociedade para verificar o que é melhor ou pior. O caso das roupas é um desses processos que se desenvolveram junto com a história humana para hoje serem indispensáveis e isso é um fato inquestionável. Elas também representam algo sobre a pessoa. Como temos a liberdade e feliz abundância para escolher nossas roupas elas repassam informações de determinados aspectos do nosso próprio ser às demais pessoas da sociedade. Elas possuem um histórico ligado com a cultura e práticas da própria sociedade. Então, feito esse preâmbulo que justifica o uso de roupas no geral e que elas representam algo de forma que escapa dos ataques dos desconstrutivistas, também gostaria de lembrar

do movimento iniciado na própria filosofia onde ética e estética³ são consideradas a mesma coisa. Inclusive o maior filósofo do século XX, Ludwig Wittgenstein, escreveu exatamente nesse sentido na sua única obra publicada enquanto vivo. Ou seja, não existem argumentos que vão invalidar essa discussão. A aparência tem papel importante na cultura humana e devemos cuidar dela se queremos resgatar uma boa imagem do professor. Dito isso, gostaríamos de elucidar as ações reprováveis que alguns professores tomam.

O professor que anda com camisetas de times de futebol, bandas, com frases engraçadas, com símbolos de super-heróis, com roupas de tamanho inadequado, decotes etc.; em seu ambiente de trabalho é um problema. Primeiro porque não percebe a importância da própria profissão e acha que pode se vestir de qualquer jeito. De forma sincera, ele faz isso porque não entende o papel que o professor detém na sociedade e isso só torna claro o quanto ele desconhece daquilo que ele tem que fazer, evidenciando sua própria ignorância. Pior ainda são os professores que utilizam bonés ou toucas nas salas de aula. Professores formam médicos, advogados, juízes, pilotos de avião etc., e isso é utilizado amplamente para asseverar a importância que os professores possuem. Em contrapartida, andam igual moribundos, com a aparência descuidada e com roupas desleixadas.

Se as roupas possuem um simbolismo cultural e o professor é aquele que forma as pessoas que ocuparão os lugares de maior importância em uma sociedade, é óbvio que o professor precisa apresentar-se de maneira adequada ao status que ele ocupa. Por mais que isso pareça fútil, a imagem conta e se a ética e a estética se confundem, então são necessárias ações para cuidar da imagem que detemos. Para a imagem do professor ser assegurada devemos nos portar evitando más condutas e uma delas é apresentar uma aparência compatível com a função.

A boa aparência, principalmente nos alunos, impactará na forma com que as pessoas encaram o professor e isso automaticamente facilitará o trabalho no geral – como as pessoas que estamos formando ainda não são esclarecidas, podemos dessa forma utilizar das coisas fáceis de maneira inteligível. Se mudarmos pequenos hábitos, coisas simples

³ Sem aceitar as coisas como elas se apresentam.

como utilizar camisas, calças, sapatos, roupas mais formais, haverá toda uma nova maneira de enxergar o professor. Agora é terrível quando o professor se desvaloriza tanto que acha que se vestir de qualquer jeito é o suficiente. Isto é desrespeitoso com a profissão e com os alunos, demonstra o quão pouco esta pessoa se importa com aquilo que faz.

Pensamos que esta é uma mudança sutil e necessária para o resgate que tanto ansiamos por meio desta obra. Deixará tudo mais sério, da maneira como deve ser o ambiente do conhecimento. A escola é o lugar para o conhecimento, não um concerto de música popular com fãs estampando suas camisetas ou um jogo de futebol com os seus torcedores mostrando suas cores. Existem lugares para cada coisa, a escola não é esse lugar. Vista-se de forma adequada para o ambiente que está e pare de ter vergonha da sua profissão tentando tornar ela algo comum. Ser professor é algo importante e o professor é o último que pode relativizar isto com ações como esta.

2.11 AGRESSIVIDADE

Existem inúmeras outras ações que os professores realizam e que devem ser alteradas para resgatarmos a imagem do professor-exemplo e a agressividade será a última que iremos nos ocupar nesta obra. Como mencionamos anteriormente, não há problema em agir de determinadas maneiras, o problema é conscientemente continuar agindo de uma forma que cause problemas para os alunos e para a sociedade. A questão da agressividade é complexa, porque ela flutua entre duas situações que são limítrofes. Sua solução vai depender de uma mudança de hábitos para alguns professores que querem atingir o respeito na sala de aula e fazem do uso de um discurso agressivo como método para tanto e uma mudança de vida para os que são agressivos por natureza.

Que a agressividade é um problema na sociedade se dispensa argumentações mais profundas é claro, mas a questão do professor que faz uso disto na sala de aula talvez necessite de uma dose de iluminação. O professor que emprega de um discurso agressivo, com palavras demasiadas duras ou até mesmo de forma grosseira para impor medo em seus alunos e garantir um relativo “respeito” em sala de aula, proporciona um dos piores exemplos possíveis. Imagine na cabeça de uma

criança que enxerga o professor como aquele que ensina, assistindo-o agir desta forma. Os exemplos obtidos por meio das ações dos professores imprimem na memória dos alunos maneiras de lidar com as situações da vida. Se o professor agir de maneira agressiva para solucionar uma problemática, o aluno também empregará isso como artimanha quando se vir encurrulado. Mas talvez o maior dano causado por essa atitude é a que concerne na confusão entre respeito e medo. Existe uma linha tênue e complexa que envolvem impor respeito e impor medo. As atitudes que fazem com que um ou outro exista estão atreladas na maneira que isso é feito, no método empregado. Se o professor for agressivo se forma o medo, se agir de maneira justa se forma o respeito e se agir de maneira leniente se forma o desrespeito. O professor ignorante forma o medo porque é mais fácil de controlar e menos problemático no curto prazo. O resultado: forma em seus alunos o mesmo instinto agressivo que será empregado na sociedade nos momentos em que o aluno necessitar agir.

Aqui estamos falando de algo bem específico e complexo, não queremos ser precipitados e cair em outro erro. Mas devemos ter cuidado especial com o ser humano. Não podemos deixar as paixões governarem nossas ações, o professor deve se tornar sacerdote do conhecimento e da razão. Então, solucionar essa atitude é necessário para provarmos que somos capazes de agir de maneira coerente com as ideias que perscrutamos a partir desta obra. Tenha em mente que a ideia do professor deriva de uma fonte de caráter humanista e todo o contexto profissional também está envolto nos problemas humanos. Por isso, o problema da educação sempre será o mesmo. São os problemas envoltos no mundo humano que fazem parte dos problemas da escola, os professores devem evitar deixarem ser governados pelos sentimentos durante a vida escolar. Talvez dessa forma criaremos mais respeito com a profissão e possibilitaremos que a sociedade melhore como um todo. Devemos assumir nossos erros, mudar nossas ações e cuidar das coisas que envolvem a ideia da humanidade em nós mesmos para servir de exemplo aos demais, principalmente aos alunos.

Quando formos capazes de errarmos menos, ou assumir nossos erros e buscarmos consertá-los, então a imagem do professor não estará mais sujeita à relativização negativa que atualmente possui. Devemos lembrar, somos seres humanos, assim como nossos alunos, buscamos

conhecimento enquanto estamos sujeitos aos problemas que envolvem nossa existência errante e precisamos evitar ser levados pelos desejos e paixões que corrompem o entendimento humano. Se a sociedade apresenta problemas como este, infelizmente, talvez somos os culpados.

CREDIBILIDADE

Fica claro pela exposição anterior alguns dos motivos que atualmente os professores possuem uma credibilidade questionável na sociedade. São inúmeras as ações que os próprios professores realizaram que possibilitou que houvesse uma mudança na avaliação da sociedade em referência aos professores.

A parte mais estranha consiste no fato de que apesar de todas essas ações existirem, elas são fáceis de serem solucionadas ou, quando mais sérias, acontecimentos extremamente isolados. Contudo, elas forneceram a munição necessária para alguns ideólogos descredibilizarem a profissão como um todo. Culpados? Temos e inequivocadamente são os próprios professores em primeira instância. Mas esse processo de descredibilização atende aos ideais de certas narrativas específicas que existem em uma sociedade aberta. Ou seja, sempre existiram e existirá pessoas com o intuito de formar uma imagem negativa ou antítese das coisas e isso é algo normal. O anormal são os próprios professores fornecerem os argumentos necessários para seus opositores criticarem suas posições e funções. E toda a inércia que atualmente existe nos professores que atendem aos ideais que deveriam existir nos demais docentes, permite que isso se projete por toda sociedade. Assim, essa narrativa se espalha e toma conta do imaginário social. Pode parecer que é necessária muita coisa para modificar a atual situação e revertê-la, porém continuar inerte só agrava o problema. Os bons professores que ainda existem, e são muitos, ficam quietos e deixam as coisas acontecerem porque estão ocupados tentando fazer um bom trabalho, enquanto os arruaceiros e ignorantes entram na profissão e a vulgarizam com seu senso antiético. A atual imagem do professor faz com que as pessoas se questionem sobre a profissão e contribui para a perda de respeito que é indispensável em ambientes que buscam o conhecimento. O professor precisa de um lugar onde é possível perseguir o conhecimento e isso exige ações compatíveis.

Se a própria sociedade enxergar de forma negativa o professor, como será possível melhorar a sociedade? Como será possível fazer com que a sociedade pense sobre as suas ações quando nem mesmo os professores fazem isso?

Minamos a imagem do professor na sociedade através do nosso senso de superioridade moral, com nosso autoritarismo barato e com nosso sarcasmo ignorante. Que pessoa em sã consciência iria continuar a aceitar os dizeres ou os conselhos de alguém que se comporta de maneira tão ruim? Mas é exatamente isso que exigimos da sociedade. Enquanto os professores outorgam uma licença autotutelada para fazer o que bem entender, por parte da sociedade, eles esperam e exigem respeito. O resultado é total contrário do esperado. As reclamações dos professores são direcionadas aos alunos, a escola, ao governo etc. O que esses gênios que agem de maneira totalmente insustentável não esperavam era esse total isolamento em que os próprios professores se colocaram. De um lado a sociedade se uniu para criticar os professores e do outro lado os professores criticam a sociedade, um culpando o outro por seus problemas. Porém, em alguns casos a sociedade possui razão. Alguns problemas e argumentos levantados pela sociedade são verdadeiros. Os atuais professores são preguiçosos, mal-educados, possuem comportamentos deploráveis e aparência esquisita, são desprezíveis em muitos casos, mas ostentam uma aura de superioridade. Isso despertaria a repulsa em qualquer pessoa. Não que a sociedade também não apresente problemas para os professores, mas o serviço que os professores prestam é muito específico e eles não estão conseguindo concluir-lo. As quantidades de graduados no ensino médio analfabetos são estrondosas, as universidades estão abarrotadas de analfabetos funcionais. O PISA do Brasil não apresenta melhora significativa em décadas e as pessoas que estão envolvidas com a educação continuam a entoar o mesmo bordão. Dizem que falta investimento, estrutura, qualidade para aquilo e para isso etc., mas a verdade é que falta muita coisa a ser entregue pelos professores, principalmente mudanças de atitude.

De um lado temos o isolacionismo completo dos professores e do outro lado a crítica justificada da sociedade embasados em motivos fornecidos pelos próprios professores. Educação cada vez mais deficitária,

de menor qualidade e incapacidade de preparar a sociedade para o mundo contemporâneo. Essa é a atual situação que enfrentamos e obviamente tudo isso fornece um arsenal para descredibilizar os professores.

Enquanto os professores não mudarem a sua imagem perante a sociedade será impossível evoluir a educação em qualquer aspecto. Precisamos limpar a imagem do professor, trazer novamente respeito para a profissão e assim tentar fazer um trabalho adequado nessa reformulação. Porém, o que vai acontecer se não fizermos nada acerca do atual estado em que a imagem do professor se encontra? A cada dia veremos mais acontecimentos de problemas nas escolas, mais violência, mais casos envolvendo relações torpes, índices ainda mais baixos do nível educacional. O professor e as escolas serão culpados disto o que fará com que esse ciclo vicioso continue numa espiral que culminará em uma sociedade atrasada, incivilizada, pobre intelectualmente e materialmente. Com isso a criminalidade irá aumentar, as instituições políticas serão abaladas e caminharemos para o total aniquilamentos da cultura brasileira. E, infelizmente tudo isso acontecerá, porque não conseguimos compreender princípios básicos de uma vida esclarecida dentro da escola.

A imagem do professor precisa ser resgatada. Os professores necessitam deter uma aura respeitada perante a sociedade. Ele necessita ser enxergado como alguém do qual dependemos e da qual se nutre carinho. Precisamos ver no professor alguém que é capaz de cuidar de uma parte importante da nossa vida – a parte do conhecimento. Ao mesmo tempo que seu exemplo demonstre como continuar a perseguir o conhecimento. Seres humanos são dotados desta capacidade de continuar a buscar pelo saber e a personificação desta imagem é o professor. Agir de forma contrária a isto é agir de maneira ilógica, é prestar um desserviço a profissão e a sociedade.

O problema que envolve a falta de credibilidade dos professores na sociedade pode caminhar para a disruptão do país. O movimento entorno destas mudanças nas atitudes dos professores, a restauração da imagem do professor no imaginário popular, deve-se iniciar o quanto antes. Fazê-la garantirá aos professores uma sala de aula pronta para aquilo que é devido à sala de aula e isso proporcionará a sociedade avanços em todas as perspectivas imagináveis. Mas devemos reconhe-

cer, se atualmente existe um problema de credibilidade, ele foi gerado em maior parte por nós e nossos colegas professores, mas ainda é algo sanável. Quanto mais esperarmos mais complexo a situação se torna e mais difícil será a recuperação. Professores devem servir de exemplos e modelos de pessoas, qualquer coisa distante disto deverá ser aqui e agora velado a fim de reverter a atual situação.

AMBIENTE DE CONHECIMENTO

Devemos deixar muito claro o que significa estar na escola e que ambiente é este. No atual momento, o ambiente escolar foi corrompido por meio das ações incompatíveis com seu propósito. Parte da culpa disto é dos professores e envolvidos no processo educacional, outra parte é das atuais teorizações que direcionam o uso da escola para finalidades diferentes daquelas para o qual ela é necessária. Essas teorias parecem colocar em segundo plano o objetivo primordial da escola e os próprios professores estão esquecidos do que é a escola.

A escola não pode perder seu foco principal que é o conhecimento. Ela é necessária somente por isso e este é seu objetivo primário. Quando se afasta disto, abre espaço para acontecimentos que também divergem do propósito da escola. Mas quem cuida da escola e faz dela o que ela é? Quem é o guardião dos valores da escola e mantenedor do lugar? Exatamente quem você, caro leitor, deve estar pensando neste momento. O primeiro e último bastião da escola será o professor. Ele é responsável por tornar a escola o que ela é. Mas então, se anteriormente havia professores diferentes, com outra imagem na sociedade, responsáveis por manter a escola do jeito que ela deve ser, como chegamos aonde estamos?

Bem, essa resposta é simples. Infelizmente, as teorias educacionais aplicadas no Brasil somadas aos critérios culturais existentes fornecerem o espaço e os nutrientes necessários para que o embrião dos atuais professores florescesse. E o resultado é que o campo onde ele foi semeado agora está tomado de uma erva-daninha que precisa ser expurgada. Dado que devemos ter como norte que a escola é o local de conhecimento, também é nosso trabalho enquanto professores resgatar esse sentido da escola.

A escola é muitas coisas, é de fato lugar para inúmeras possibilidades, mas acima de tudo e muito distante de qualquer outra finalidade, a escola é lugar de conhecimento. Não adianta colocar no slogan da sua escola que tratam as pessoas de X ou Y maneira, com mais ou menos amor, que

a escola tratará os alunos conforme determinada teoria ou outra que for. Tudo isso é vazio, permite que o viés principal da escola se torne nebuloso em meio a diferentes objetivos que não se detém sob a máxima de priorizar o conhecimento. As palavras ditas por aqueles que não priorizam o ensino soam bonitas, nós professores sabemos disso, nós as repetimos. Porém, quando estamos em sala de aula devemos estar exclusivamente com um único objetivo em mente, o de ensinar. Se você quer ensinar baseado em determinada forma, formato, gênero ou grau de método, tudo bem. A primazia e o foco devem ser exclusivamente um, o conhecimento. E não um conhecimento raso e superficial que vai proporcionar a todos a falsa sensação de conhecimento. Você, como professor, deve afunilar ao máximo e no limite do possível o conhecimento durante suas aulas. Você pode arguir no sentido daqueles que tem dificuldades e nos repetiremos: “a escola é lugar para o conhecimento”. Se a dificuldade existe, são as avaliações que devem dar conta do problema a fim de garantir que aqueles que detém um nível adequado de conhecimento avancem e aos que não conseguirem que isso sirva de informação para eles tentarem outras formas de aprender. Mas mesmo que os meios de avaliação sejam simples, que na nossa compreensão faz sentido, o conhecimento em sala de aula não precisa ser assim. Na realidade, ele deve ser sempre o mais intenso possível e o mais profundo possível. Imaginem o salto intelectual que existirá em uma sociedade submetida por anos a esta prática de aprofundamento de ensino. O professor não está na escola para brincar, se divertir, matar tempo, fazer amizades, ele está ali para ensinar e o aluno está ali para aprender. Parem de mudar o significado da escola e das funções que existem nela. Quem advogar em sentido diverso está agindo de maneira criminosa, negando as pessoas o direito do conhecimento por meio de floridos argumentos embasados em delírios subjetivos e ideológicos.

Também, devemos transformar a escola de fato em um lugar de conhecimento. O lar do conhecimento deve ser a escola. Para isso é extremamente importante que os integrantes da escola façam sua parte e como seria isso? Estudando!

Professores devem continuar seus estudos ou ampliar seus conhecimentos. Seja o que for, professor nenhum pode ter sessenta horas semanas de trabalho. Isso é um absurdo. Como alguém encontraria tempo para estudar métodos eficientes de ensino, procurar se especializar

em sua área, aprender um novo conhecimento com essa quantidade de horas de aula? Professores devem compreender que parte da sua função é estudar. Se nem o professor estuda, quem dirá dos alunos? Que exemplo contraditório seria este?!

Mas é exatamente isso que atualmente acontece nas escolas, professor nenhum, em momento algum, estuda. Ainda existem algumas pobres almas dentre os professores que leem livros de literatura e pensam que isso é estudar ou aprimorar-se, outro mito que devemos destruir. Ler literatura popular não é estudar e nem aprimorar o conhecimento. Essa confusão ridícula é feita por algumas pessoas destituídas do conhecimento de verdade e pensam que ler uma obra do Monteiro Lobato vai aumentar o conhecimento delas no sentido que almejamos, mas infelizmente não. O conhecimento é algo técnico em sentido estrito.

Se você é professor de matemática, estude matemática, mas também aprenda português, se você é professor de português, estude português, mas também aprenda matemática. Devemos combater a atual especialização do conhecimento. A escola existe pressupondo que todos devem possuir determinados conhecimentos de nível médio em diversos assuntos. Se você é um professor de determinada área e diz não saber nada da outra área você está agindo de maneira contrária as necessidades da escola e dos princípios da escola. Os professores devem possuir uma compreensão integral de todas as áreas, nós devemos isso a profissão e ao ambiente que estamos inseridos. É uma ilusão que conhecer mais coisas é saber um pouco de muito sem saber muito de algo. O verdadeiro sábio será, assim como Aristóteles já pensara e isso está baseado na ideia da perfeição, aquele que deter o conhecimento no sentido mais amplo. O sábio perfeito é aquele que sabe de tudo. Não podemos ser algo assim, mas podemos melhorar ao menos um pouco e esforçarmo-nos para compreender aquilo que nossos próprios alunos precisam compreender. Se nem mesmo os professores fazem isso, quem dirá os alunos. Não precisamos estudar quarenta horas semanais, mas dediquem-se um pouco a melhorarem o entendimento que vocês possuem. Isso é importante.

Tomado o primeiro passo, onde os professores retornaram a procurar conhecimento, devemos salientar na escola diariamente para o que a escola é necessária. Nas oportunidades onde há reunião de pais, conselhos de professores, reuniões que forem, devemos reforçar a ideia

na cabeça de todas as pessoas da comunidade escolar que a escola é necessária por conta do estudo, é feita para o conhecimento. Necessitamos afastar os fantasmas que envolvem outras discussões da escola. Isso limpará nosso caminho para a construção daquilo que sempre sonhamos como professores. Reforçar a ideia na cabeça dos alunos também será essencial. Os alunos devem pensar que o lugar onde eles estão tem um objetivo muito claro. Fazer da escola algo diverso do que ela é feita para ser é desvirtuar algo que serviu para a construção do mundo como temos atualmente. Se conseguirmos clarificar para todas as pessoas que o objetivo da escola é ensinar e com a imagem renovada do professor com seu devido respeito restaurado, poderemos sonhar com quanto longe a sociedade brasileira poderia chegar. Talvez assim consigamos evitar outros fantasmas que assolam a sociedade no geral. Nós forneceremos o entendimento profundo através de um lugar voltando para isso, a escola. Isso possibilitará às pessoas maior compreensão de diversos aspectos da vida humana, assim como da própria sociedade. Tornando a sociedade mais justa, mais competente e melhor preparada para os desafios que futuramente iremos enfrentar. Teremos ciência que algumas coisas são feitas com determinados propósitos e que isso é importante porque serve para manter as coisas dentro de um trilho específico.

Fora que isso terminaria com as confusões que acontecem na cabeça dos dirigentes escolares que estão atualmente abarrotados de diferentes afazeres e que por conta disto necessitam deixar em segundo plano o conhecimento. Outra coisa que podemos eliminar dessa forma é os professores que não conseguem falar direito, que cometem erros gramaticais ou incoerências lógicas. Infelizmente, as escolas que deveriam ser o local do conhecimento, estão lotadas de seres infelizes que dizem ser professores, mas não dominam o básico da língua portuguesa ou da matemática. Esses conhecimentos são indispensáveis para uma sociedade civilizada, se você é professor e comete esses erros, você deverá melhorar ou abdicar da profissão. Todos temos nossas dificuldades e precisamos servir de exemplo aos nossos alunos demonstrando superá-las. Devemos respeito ao ambiente escolar, devemos entender que ele é o lugar do conhecimento. Pare de sonhar e querer impor sua própria visão de mundo na escola, ela é um instituto da sociedade que deve ser preservada como aquilo que é, como ambiente de conhecimento.

O QUE TORNA VOCÊ PROFESSOR

Devido aos atuais moldes da ciência e das atribuições necessárias para execução de atividades específicas dentro da economia moderna, a essência de algumas atividades foi perdida. O modelo positivista, necessário para a vida contemporânea, traz consigo a difícil tarefa de relacionar os requisitos formais com as questões humanas. A ideia que o próprio círculo de Viena formulou hoje pode ser encarada como um exagero, mas a interpretação que vai no sentido diametralmente oposto também é. Dessa disputa que penetrou em todos as áreas do conhecimento e das instituições humanas, precisamos deixar claro os princípios e fundamentos do que podemos minimamente assumir como sendo frutos de uma descrição da coisa em si. Assim, devemos buscar uma essência pragmática ao entorno dos extremos de uma discussão muito mais complexa. A vida do cotidiano comum necessita dessas relativizações e como próprio Husserl descobriu, a relativização da relativização é algo concreto e objetivo. Fornecemos esses indícios para aqueles que querem buscar uma estruturação sistemática do que aqui está sendo dito, mesmo que, talvez no fim descubra que isso seja o problema.

É inegável que a atual sociedade se estabelece por meio de pequenas estruturas e instituições que chancelam determinados requisitos através de formalismos premeditados. O que isso significa? Que a sociedade, para maximizar seu tempo e encontrar pessoas capazes de lidar com tarefas com alto nível de especialização, construiu ferramentas formais que fazem esse serviço. Ao mesmo tempo, essas ferramentas incorporaram a tarefa de ensinar as habilidades necessárias para empregar as funções pretendidas de forma técnica. Assim, na sociedade atual, você só poderá realizar um trabalho técnico quando obter a autorização da estrutura instituída pelo poder político para tanto. Os objetivos disso são claros: maximizar os processos de produção; melhorar a capacidade tecnológica; evitar problemas com pessoas incapazes de realizar determi-

nadas atividades. O preço que pagamos por isso é alto, mas necessário. Todo o conforto que temos atualmente é gerado por meio dessas trocas utilitárias que nossa sociedade se habituou a fazer.

No fim, temos o seguinte arranjo: os trabalhos que necessitam de mais conhecimento terão sua competição controlada por meio da estrutura institucional, impossibilitando que pessoas mais pobres que fizeram um percurso de aprendizado diverso do estabelecido pelos formalismos institucionais não consigam competir pelas vagas. Assegurando aos mais ricos o acesso a elas em conluio com o poder político que garante o privilégio – lembramos, sem força coercitiva não existiria esse processo e quem melhor que o Estado, que detém o monopólio da força, para garantir isto?! – em troca recebem vantagens em campanhas políticas e continuam a reproduzir no imaginário social a necessidade da chancela estatal para evitar que pessoas “despreparadas” ocupem os mesmos lugares que eles ocupam. Não estamos dizendo que qualquer pessoa possa ocupar vagas que necessitam de conhecimento técnico, mas ninguém poderia impedir alguém que estudou de forma autodidata de exercer uma função em que o risco da profissão é assumido de forma deliberada entre comprador e vendedor, exemplo clássico: advogados. Gostaríamos de expor algo em paralelo, a parte interessante é que atualmente a sociedade está contornando esse conluio entre elites políticas e econômicas por meio de instituições que validam o formalismo técnico sem a necessidade de fortunas como tradicionalmente se necessitava. Se esses profissionais forem qualificados, a própria sociedade dirá, optando e escolhendo pelo serviço que melhor se encaixar nas demandas da própria sociedade. Assim, ao menos, já se formou uma resposta a esse nefasto sistema positivista e formalista. Mas toda essa problemática também toca a questão do professor.

Sejamos diretos, você não é nem professor porque dá aulas e muito menos porque está formado com um diploma. Na realidade, existem muitas pessoas que lecionaram a vida inteira sem jamais se aproximarem do que é ser professor. Esses sujeitos passam a vida inteira nas escolas sugando o dinheiro público, sem ensinar propriamente nada para seus alunos. Até mesmo alguém que é dotado de uma incrível didática pode passar a vida inteira sem ser um professor de verdade.

Talvez o que vamos falar agora contrarie um pouco as atuais teorias pedagógicas, mas algumas delas são pobres de alma e natimortos – só sobrevivem por meio da necessidade que a academia possui dado, novamente, formalismos institucionais. Mas, em um mundo de coerência e racionalidade, pensamos que a ideia do professor jamais estará atrelada a meros formalismos ou chancelas dadas por qualquer poder político. O verdadeiro professor possui algo que o distingue das demais pessoas. Porque o verdadeiro professor se destaca tocando algo superior, o intelecto, talvez algo interior na alma de seus alunos. O verdadeiro professor não só ministra aulas, mas ele também é exemplo de ser humano. É alguém que não perde a compostura com qualquer coisa, que não age de forma incoerente, que é dotado de vasto conhecimento, de vasto repertório argumentativo. O verdadeiro professor é aquele que se importa tanto com a profissão que jamais deixará ela ser corrompida por pessoas mal-intencionadas. O que torna alguém professor é dado pela capacidade de impactar a vida de seus alunos. Mas como um professor vai fazer isso se curvando ao medíocre que talvez alguns experimentam?

Certo dia, um exemplo que foi dado na universidade durante um curso de graduação foi que o professor não pode utilizar de exemplos de cidades como Paris, Nova York, Tóquio durante suas aulas, porque a maioria das pessoas no Brasil são pobres e essas cidades nunca farão parte do seu contexto de vida; esses alunos estão impedidos até mesmo de sonhar, segundo a doutrina deste professor. Quem diria, o institucionalismo também busca controlar os sonhos dos pobres e quem contribui na linha de frente para isso?! O professor... O verdadeiro professor é o contrário, ele serve de exemplo do que se fazer. Como também inspira a perseguir coisas grandes, difíceis, complexas. O mundo está repleto de mediocridades, mas o professor não deve aspirá-las. Ele deve mostrar as maravilhas que podemos alcançar por meio do conhecimento e isto deve servir como uma chama a ser acesa na mente e na alma de seus alunos. O exemplo de como ser humano deve ser dado todos os dias pelo professor, mas esses momentos em que te torna verdadeiramente um professor são raros. Durante a vida escolar, todos vamos experimentá-los ou criá-los. O verdadeiro professor é aquele que no devido momento instiga seus alunos a irem sempre além do que eles mesmos acreditam.

Esse professor sempre terá morada na memória de seus alunos como responsável por algo que eles fizeram, algo bom. Não como atualmente acontece, onde só recordamos dos maus exemplos.

Não será um curso de graduação ou quantos anos você ministra aulas que te torna professor. O que garante que você seja um professor é quantas pessoas carregam em suas memórias seus ensinamentos e conhecimentos repassados. É neste momento que você realmente se torna professor. Mas só alcançaremos isso, reciclando a profissão e alterando nossos comportamentos na escola.

DISCURSOS VAZIOS

Como não deve ser a chancela de um formalismo institucionalizado o que torna você professor, também não é o fato de meramente estar em sala de aula. Existe uma liberdade intrínseca a todos seres humanos, certamente limitada, mas real. Ninguém está obrigando você a entrar em sala de aula. Você, professor, faz isso deliberadamente. Isto é acompanhado com o acordo tácito de que você está na sala de aula para ensinar. Ninguém liga para o que você faz em casa, depois do trabalho ou nos finais de semana. Ninguém precisa saber quais comidas você prefere ou o que aconteceu entre você e seu marido no dia anterior, quantos filhos você tem ou em qual universidades eles se encontram. E o caso mais grave, você não pode ficar empregando discursos enganadores para que seus alunos pensem que aprenderam quando a realidade é o exato oposto.

Já discutimos sobre a honestidade e outras ações que devem ser evitadas. Não pretendemos retomar isso no mesmo molde. Porém, existe um fenômeno esquisito que atualmente ocorre nas escolas e que precisamos reparar. Existem professores que infelizmente não detém todo o conhecimento para falar de determinados assuntos ou que simplesmente sentem preguiça de lecionar. O que eles fazem para se safar de suas atribuições e responsabilidades. Bem, eles fazem uma lavagem cerebral na cabeça dos alunos colocando de forma sutil que eles estão indo bem ou aprendendo o conteúdo enquanto maquiam os verdadeiros resultados que seus métodos de ensino falhos apresentam. Literalmente, eles fingem que trabalham e fazem com que os alunos acreditem nisso. Cada frase dita em sala de aula é acompanhada com alguma justificativa sem sentido ou elogio aos alunos tentando engrandecer o que eles estão fazendo. Bem, isso cria a falsa sensação de conhecimento que será frustrado posteriormente quando o aluno adentrar ao mundo real. Os pais também fazem muito isso, mas porque eles confundem a realidade com sua idealização, ou seja, é algo ignorante, mas sem dolo. O que não é o caso para esses professores.

Tendo elucidado essa situação, vamos tratar da segunda questão envolvendo um dos piores erros que cometemos como professores na atualidade. Talvez isso seja um problema da sociedade no geral, não sabemos se causamos esse problema, ou se meramente estamos reproduzindo-o. Mas existe atualmente uma desesperada necessidade nas pessoas de demonstrarem algum grau de valor ou importância aos demais. Claro, isso é acompanhado do devido discurso vazio meramente feito para dar artificialidade à algum pensamento intuído nos desejos do locutor de tais discursos. Pensamos que devido ao crescimento das redes sociais houve um aumento da superficialidade na vida cotidiana. As pessoas começaram a raciocinar por meio de informações rasas e superficiais. Isso garante espaço suficiente para criação de narrativas ilusórias. Temos ciência de que a atual situação das redes sociais é desta forma, o próprio discurso político também se tornou isso. Ninguém liga para a substancialidade ou para uma resposta simples ao invés da grandiosidade que uma mentira pode esconder. E isso abre espaço para alguma das piores coisas que acontecem nas escolas, os discursos vazios. Vamos demonstrar por meio de um exemplo prático e comum a todos professores esta situação.

Não há sequer um início ou meio de ano onde não haja alguma formação de professores com as devidas narrativas e bordões referentes a educação. Lá vão as mesmas pessoas dizer as mesmas coisas todas as vezes. Depois, aparecem outras pessoas e repetem as mesmas coisas. No fundo, eles sabem e o professor também sabe, tudo isso é vazio de significado. Infelizmente, isso se repete num ciclo sem fim porque o que é dito está geralmente embasado em teorias pedagógicas que em muitos casos estão tão desconexas com a realidade de uma sala de aula e das necessidades do professor que simplesmente tornaram-se palavras bonitas. As frases repetidas são bonitas. Mas quando colocadas sob uma análise lógica profunda o que revelam? Nada, não revelam nada. E não revelam nada porque nunca existiu nada nelas. São meros poemas ou uma literatura barata. Nossos excelentes professores fazem o que? Pensam a respeito e tentam compreender se o que está sendo dito possui algum grau de coerência? Não, isso dá muito trabalho. É muito mais simples repetir as coisas, assim o professor se parece como um bom partidário para os demais colegas e todos seguem sem fazer nada. E,

mesmo que aplicassem os discursos vazios em sala de aula, claramente não seriam capazes de mudar algo. Porque se tentassem isto, suas teorias não expressariam nada e assim nada seria feito.

É muito lindo falar em amor, sinceridade, compaixão, empatia, equidade e tantas outras coisas. Parece tudo muito belo, mas a execução desses ideais, geralmente coisas tão intangíveis, é dada como? Ninguém sabe! Mas não sabem ou preferem ignorar que isto não faz sentido algum? Essa é a questão. No entanto, isso não impede que a cada seis meses as doses de discursos vazios se repitam. Sem contar as outras inúmeras reuniões em que o pragmatismo de uma educação de qualidade é ignorado por completo. Em todas as reuniões, sempre repetem as mesmas coisas enquanto o barco afunda e leva toda a sociedade brasileira junto.

Com sinceridade, qual foi a vez que em uma dessas reuniões houve a ênfase que a escola é o lugar do conhecimento e que o professor é o sujeito que referencia o conhecimento na sociedade? Ninguém fala das únicas coisas que importam para a escola. E é óbvio que não. Porque existem aqueles que entendem o que aconteceria caso fizéssemos com que verdadeiramente o conhecimento fosse alcançado pelas massas. Os demais são meros fantoches que repetem o que os organizadores de um movimento muito mais complexo demandam. Assim, a cada seis meses reforçamos nos professores o desejo deles de não fazerem nada enquanto agem como massa de manobra para indivíduos que possuem as mesmas intenções de solucionar o problema educacional quanto todos os outros problemas que juram que vão solucionar de quatro em quatro anos. Piamente seguimos esses discursos vazios e até enalteceremos eles. Existe um em específico que é extremamente contraditório por meio da mais simples lógica e é colocado como o sumo das obras educacionais. E aqueles dotados dos discursos vazios o repetem incansavelmente, isso faz com que a sua “galera” o aceite, então basta repetir e cair nas graças de todo mundo.

Temos um objetivo claro na escola e o professor é responsável por ele, o conhecimento. Quando o professor se deixa levar por meio desses discursos vazios e sem profundidade, a sociedade como um todo também é levada junto. O professor tem o papel de inibir isto, encontrar as coisas que servem ao propósito do conhecimento e se

servir delas. As outras coisas são meros adereços criados por pessoas que detêm determinados desejos e os aplicam ou de forma maliciosa ou de maneira inapropriada.

Mas se nem mesmo o professor conseguir fazer essa distinção entre o que é dotado de conteúdo e o que é vazio, quem dirá a sociedade ser capaz. Os próprios professores vivem reclamando de inúmeras atitudes das demais pessoas, quando eles mesmo também repetem o mesmo tipo de situação em seu cotidiano. O professor deve ser o guardião do conhecimento e dos métodos que garantem o mínimo de verdade no discurso. Não podemos deixarmo-nos enganar pela beleza de algo superficial sem substância. Com toda certeza, se os professores entoarem ou se sujeitarem a discursos vazios como os atuais, a própria sociedade também se sujeitará aos discursos fáceis e mentirosos. É este um movimento vertical causado pelos professores que leva toda a sociedade a acreditar em coisas desnecessárias e sem sentido.

O professor deve se afastar dessas polêmicas, frisar e priorizar o conhecimento e se dedicar no cuidado com o que é dito. Talvez os dirigentes escolares vão continuar a entoar esses discursos porque isso é parte do desejo político. Para o meio político, as palavras precisam ser bonitas e os resultados os piores. Nada melhor para assegurar suas posições do que continuar a reproduzir esse tipo de prática. Enquanto se cria a miragem de integridade por conta das palavras cheias de boas intenções, a educação é a pior possível garantindo uma população estúpida o suficiente para continuar a ouvir os discursos vazios indefesa.

A FALÁCIA DOS INVESTIMENTOS

Existe um ótimo livro, todos os professores deveriam lê-lo. Chama-se a “A árvore bela⁴” de James Tooley, acreditamos que este livro como um todo servirá melhor do que qualquer exemplo ou argumento que poderíamos trazer na presente obra. Mas para aqueles que não leram o livro ou não vão lê-lo, iremos citar rapidamente o que ele narra. Tooley é um matemático formado em uma das melhores universidades do mundo que possui para si o desejo de ensinar pessoas em situação de vulnerabilidade em países em desenvolvimento. Determinado momento de sua trajetória como professor e pesquisador, Tooley recebeu financiamento de uma instituição para pesquisar um fenômeno que estava acontecendo em alguns lugares do mundo.

Em algumas das comunidades mais precárias do mundo surgiu um fenômeno de escolas privadas de baixa renda não-formais. Essas escolas são não formais porque não possuem o aval do poder político. Nessas escolas existem tanto professores autodidatas quanto formados que fazem o trabalho recebendo ou muito pouco ou de forma voluntária. Os pais das crianças que frequentam essas escolas têm as seguintes opções: ou colocam seus filhos em escolas públicas ou pagam valores muito baixos, mas significativos para pessoas que vivem na extrema pobreza, para seus filhos estudarem nessas escolas privadas não-formais existentes nas comunidades. O autor desta brilhante obra é pragmático e evidência como a estrutura das escolas públicas são boas. Em alguns países africanos, essas escolas são criadas a partir de doações de bilionários filantropos. A parte inusitada é a seguinte, Tooley descobre que existe uma grande quantidade de pessoas em extrema pobreza que preferem pagar para seus filhos frequentarem escolas privadas não-formais, com ambientes muito precários e improvisados, do que ir para as belas escolas públicas construídas com muito apoio humanitário de pessoas com

⁴TOOLEY, James. A Árvore Bela. São Paulo: Bunker Editorial, 2020.

suposta “consciência social”. Por que as pessoas fazem isso? Simplesmente porque elas querem o melhor para seus filhos e Tooley prova que essas escolas privadas não-formais localizadas dentro das favelas mais pobres do mundo possuem – pasmem – resultados superiores em quase todos os testes feitos por Tooley quando comparadas às escolas públicas do mesmo país. Mas o inusitado não é isto, essas escolas promovem uma educação de qualidade na medida do possível para pessoas que se preocupam com o futuro de seus filhos, mas para o poder político estatal elas não passam de instituições criminosas. Justamente por conta desta situação, Tooley correu riscos sérios em um determinado país com um regime autoritário enquanto desenvolvia parte da sua pesquisa. Ainda, Tooley tenta demonstrar ao mundo acadêmico os seus interessantíssimos e revolucionários resultados, mas o mundo da educação não é muito propenso a aceitar algo assim. Recomendamos a leitura do livro, é indispensável para compreender o que é ser um professor de verdade.

Mas o que mais fica evidente na obra citada é o fato de algumas pessoas controlarem os meios educacionais. Acreditamos que as exposições anteriores já denotaram os motivos disto. Contudo, atualmente o que mais escutamos quando falamos das coisas relacionadas a educação é a questão do investimento e da estrutura. Mas isso são meras falácia modernas que buscam mascarar ou delegar a outras pessoas soluções possíveis para problemas sérios. Realmente, você acha que a educação no Brasil só possui problemas por conta de falta de investimentos ou de estrutura? Nós temos um número absurdo de crianças em salas de aulas e mesmo assim as coisas não evoluem. Sabemos que existem faltas de professores, mas isso é algo pontual de determinados locais ou determinadas disciplinas, e isso não justifica que com toda a atual estrutura que já temos, não consigamos melhorar a qualidade da educação. Sabemos que ninguém quer falar isto, mas precisamos só de cérebro e mentes abertas para melhorar nossa compreensão acerca de alguma coisa. O conhecimento pode ser atingido no nosso atual estado, com nossa atual estrutura. Poderia ser melhor, com certeza, muitas coisas poderiam ser melhores. Mas isso não pode tornar-se uma desculpa. O que mais acontece é que inúmeros professores vão todos os dias para seus trabalhos, não conseguem ensinar por incompetência ou preguiça e ao invés de compreenderem que precisam mudar algumas atitudes, colocam a culpa

em qualquer outra coisa que não seja a sua própria postura. E a melhor desculpa é o investimento ou a estrutura. Quem em sã consciência vai dizer que ele está errado ou que mais investimento na educação seria ruim?! Mas ao mesmo tempo ninguém quer falar a verdade, que podemos fazer muito pela educação com singelas mudanças focadas nas atitudes. Se crianças africanas que passam fome e tem aulas em salas que estão literalmente sob dejetos fecais conseguem, como nós, com tudo que temos, não vamos conseguir?!

Investimentos são necessários, estrutura é necessária. Mas não são essenciais. Essa é a parte bela da ideia de ensinar. No fundo, precisamos de boa vontade e de pessoas que também queiram isto. Se conseguirmos combinar estas duas coisas, então a receita para a educação está suficientemente completa. Ao mesmo tempo, a ideia da questão dos investimentos e estrutura é algo que se enquadra na situação dos discursos vazios. Essa argumentação é capaz de gerar o grau de manipulação que é necessário para se fazer o jogo político. Mas está muito longe do pragmatismo que necessitamos para enfrentar as atuais situações que experimentamos. Tooley provou que investimentos e uma boa estrutura não são o principal motivo para se obter resultados bons. E, sem surpresas, o que é necessário são professores e dirigentes que realmente desejam ensinar, repassar conhecimento. No caso do Tooley, a própria possibilidade de ganho econômico é suficiente para garantir que essas escolas fossem melhores que as escolas públicas. Muito se fala de fazer as coisas por amor, por motivos belos e cheios de virtude. No fim, isso é tudo mais uma mentira e precisamos nos conhecer enquanto seres humanos para impedir que sejamos pegos por atitudes ruins e discursos espúrios.

Também, parece que repetir as mesmas coisas por mais de quarenta anos não solucionou nada até o presente momento. A mudança de atitude que queremos atingir é indispensável para formarmos uma cultura adequada para a atividade professoral. Esperamos que isso seja o suficiente para o passo inicial que posteriormente será ampliado, no devido momento, com investimentos e melhorias na estrutura. Precisamos parar de repetir essa falácia e de requerer os resultados de uma educação de qualidade – capacidade de investimento e riqueza para tanto – como requisitos para uma educação de qualidade, a solução não é essa e o exemplo brasileiro já é prova suficiente disto. A melhora em

estrutura será alcançada quando o conhecimento de verdade for capaz de existir dentro das escolas e na mente dos professores. Até lá, vamos repetir os mesmos erros enquanto deixamos a sociedade naufragar em piores condições.

MUDANÇAS NECESSÁRIAS

Dado toda a atual situação narrada, todas as inúmeras ações que os professores tomam diariamente e que minam o estado da nossa sociedade, precisamos urgentemente de mudança. Defendemos que os professores são capazes de causar gigantesca alteração das ações que a sociedade toma por meio da modificação de suas atitudes. Para isso, a própria imagem do professor precisa repassar por uma alteração. O professor precisa tornar-se um símbolo do conhecimento e carregar consigo uma significativa aura de alguém de valor. Isso não será alcançado enquanto ações nocivas forem reproduzidas pelos professores. No momento que os professores forem capazes de evitar esses comportamentos poderemos instituir um modelo para as demais pessoas. Um modelo de ser humano e isso fornecerá aos alunos durante décadas e mais décadas atitudes coerentes que formarão uma reviravolta no atual estado da sociedade.

Que estamos presenciando atualmente coisas terríveis em nosso cotidiano é inegável. Mas houve uma relativização sem contexto do conteúdo das nossas ações e isso precisa ser revisto de forma pragmática. Quem melhor que o professor para demonstrar essa reviravolta? Quem melhor que ele para servir de exemplo por meio de ações elevadas? Lembramos, o conhecimento em si é algo elevado, a busca teórica é a principal causa movente da humanidade e o professor se elevará incorporando esse ideal para seu estilo de vida. Ser professor é viver de forma diferente, é abdicar de algumas coisas que outras profissões e trabalhos possuem, mas é ao mesmo tempo a única profissão que impacta de maneira geral em tudo que há na sociedade. É um poder muito grande que está nas mãos dos professores, mas que está passando despercebido por todos ou mal utilizado. Aparentemente, os professores na atualidade podem estar contribuindo mais para piorar as coisas do que melhorá-las. A mudança de atitude e a incorporação do ideal de ser um professor-exemplo que se dedica exclusivamente ao conhecimento deve começar agora sob pena de ser tarde demais. Podemos evitar que

as pessoas vivam nesse atual desespero que elas experimentam, podemos aumentar o entendimento de toda a sociedade. Mas se o professor estiver desesperado e se o professor não possuir o entendimento, o mesmo acontecerá com a sociedade.

Como solucionamos esse problema? De forma simples: professores continuem priorizando o estudo. O conhecimento pleno de todas as coisas será inalcançável, sempre existirão novas coisas para se aprender e o professor deve fazer parte disto de maneira primária. Essa busca elevará o nível intelectual como um todo e possibilitará maior facilidade para compreensão de suas próprias ações. Também, não podemos continuar enganando nos mesmos. O professor deve ser alguém que se conhece, sabe dos seus limites, mas os limites só ficarão claros conforme procurarmos mais. A elevação que sugerimos aos professores é dada através da construção de mais conhecimento e de lapidação do esclarecimento. Melhorando essas duas coisas, em um percurso no qual não sejamos tomados pelos vícios que um falso conhecimento cria, então possibilaremos que toda a sociedade possa repassar pela mesma mudança. Na realidade, seremos os batedores de um novo estilo de vida centrado em coisas mais elevadas em comparação com a sujeição mundana que a atualidade se submete.

Toda essa evolução será alcançada quando conseguirmos distinguir as coisas de forma clara. Quando alcançarmos o entendimento de quem somos, de nossas limitações, também ficará claro como devemos seguir. Esse salto de honestidade intelectual não é algo novo na história humana e precisamos mantê-lo em nosso horizonte. Mesmo que errarmos, devemos reconhecer nossos erros e parar com a infantilidade de imputá-los aos outros.

A sociedade brasileira sofre com muitos problemas, nossos políticos mentem, o jeitinho brasileiro nega a honestidade como princípio, nossa compreensão do mundo é partidária e ideológica, temos altos índices de crimes e tanto outros problemas. Nossas escolas também estão repletas das mesmas coisas, infelizmente a escola é reflexo da sociedade e o recíproco também é verdade. Por isso, modificando nossas ações nas escolas enquanto professores, demonstrando algo diferente do que os alunos estão acostumados, poderemos criar uma sociedade mais justa e esclarecida.

Deixando claro, pretendemos com toda essa mudança de atitudes e esse novo viés de pensamento nos professores, o conhecimento e esclarecimento. A sociedade moderna cresceu ao entorno dessas duas coisas, mas os brasileiros as desconhecem. Ninguém melhor do que os professores para trazê-las a lume. Para tanto, em nossa profissão é necessário repudiar as atitudes mencionadas e modificar nossos horizontes. Faremos disto uma revolução. Onde o professor retornará a possuir importância e por meio de seu exemplo irá guiar a sociedade brasileira para longe de seus atuais problemas.

O que almejamos com este livro parece difícil de ser alcançado, mas é algo singelo e natural de se esperar dos professores. Temos agora o caminho traçado e ele é consagrado com seriedade, estudo, conhecimento e esclarecimento. Isso formará a sociedade brasileira.

SOBRE OS AUTORES

LÚCIO RICARDO PRADA

Graduado em Direito pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), graduando em Física (Licenciatura) pela Universidade Regional de Blumenau/Centro Universitário Leonardo da Vinci (FURB/UNIASSELVI). Especialista em Escola Austríaca pelo Instituto Ludwig Von Mises (IMB). Mestrando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica Do Paraná (PUCPR) e Mestrando (profissional) em Direito pela Fundação Universitária Iberoamericana (FUNIBER). Exerce a docência de Física e Filosofia.

NATALIA PEDRON

Possui graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na FURB e faz parte do Grupo de Pesquisa em Formação de Professores e Práticas Educativas. Atualmente é Coordenadora Pedagógica da Educação Básica, com projetos de iniciação científica e educação ambiental. Também trabalha com consultoria educacional, formação de professores e produção de material didático.

ISBN 978-65-5368-490-4



9 786553 684904 >

Este livro foi composto pela Editora Bagai.



www.editorabagai.com.br



[/editorabagai](https://www.instagram.com/editorabagai)



[/editorabagai](https://www.facebook.com/editorabagai)



[contato@editorabagai.com.br](mailto: contato@editorabagai.com.br)